



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

**A arte diversa de ser:
seis histórias de pessoas com deficiência sobre
a experiência com a cultura no Distrito Federal**

Raquel Ribeiro Fernandes

Brasília
2023



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

**A arte diversa de ser:
seis histórias de pessoas com deficiência sobre
a experiência com a cultura no Distrito Federal**

Raquel Ribeiro Fernandes

Memorial do produto *A arte diversa de ser: seis histórias de pessoas com deficiência sobre a experiência com a cultura no Distrito Federal*. Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Araujo de Sá

Brasília
2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Sérgio Araujo de Sá
Orientador

Prof. Dr.^a Rafiza Luziani Varão Ribeiro Carvalho (membro)
Examinadora

Prof. Dr.^a Nathália Coelho da Silva (membro)
Examinadora

Prof. Dr. David Renault da Silva (suplente)
Examinador

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor Sérgio de Sá por aceitar minha proposta e me acompanhar ao longo deste semestre com sugestões pertinentes, referências interessantes e conselhos valiosos.

À minha família, que não mediu esforços para me possibilitar chegar até este momento, bem como me acompanhou com zelo, amor e atenção durante toda a minha trajetória acadêmica. Em destaque para a minha mãe, Marcela Valente, que ouviu pacientemente os meus textos, me deu colo e suporte emocional quando precisava.

Exalto também o papel do meu pai, Bevenildo Fernandes, que ajudou com as transcrições e forneceu apoio financeiro para a produção do material; e da minha irmã gêmea, Sarah Ribeiro, que colaborou com os insights e inspirações para o trabalho.

Às minhas amigas Jéssica Cardoso, Anny West e Silvana Sousa pelos quatro anos de trocas de experiências e momentos compartilhados. Aos professores Rafiza Varão e Fábio Pereira por marcarem minha graduação e me servirem de exemplo para que eu me tornasse uma profissional, ética, capacitada e humana.

A Danilo Lins, designer gráfico, que ilustrou e diagramou este projeto com senso estético e criatividade.

A Naiara, Joaquim, Mariana, Lúcio, Vavá e Vanuza, por compartilharem suas histórias de vida e percepções pessoais que fizeram deste material tão rico e singular.

RESUMO

Este é o memorial do livro-reportagem *A arte diversa de ser: Seis histórias sobre a experiência de pessoas com deficiência com a cultura no Distrito Federal*, que retrata a relação de pessoas com diferentes tipos de deficiência—física, visual, auditiva, múltipla e intelectual – com a arte, sob a ótica da acessibilidade cultural. A autora buscou, por meio de fontes envolvidas no setor cultural do DF, pessoas com deficiência interessadas em contar as suas histórias, bem como especialistas e estudiosos. A produção dos textos teve como base a abordagem do jornalismo literário. O resultado do projeto desenvolvido ao longo de um semestre foi uma grande reportagem que aborda as vivências de pessoas com deficiência, os conceitos sobre experiência estética, além do cenário da acessibilidade cultural no DF. O objetivo da obra é sensibilizar a opinião pública sobre o tema e mobilizar a sociedade a buscar ações efetivas de inserção das pessoas com deficiência à cultura.

Palavras-chave: jornalismo; livro-reportagem; pessoas com deficiência; experiência estética; cultura; Distrito Federal.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO -----	7
2. JUSTIFICATIVA -----	9
2.1 Do tema -----	9
2.2 Do produto -----	11
3. REFERENCIAL TEÓRICO -----	12
3.1. Acessibilidade cultural -----	12
3.2. Experiência estética -----	16
3.3. Jornalismo literário -----	20
4. METODOLOGIA -----	22
4.1. Do pré-projeto -----	22
4.2. Do projeto final -----	23
4.2.1. Entrevistas -----	23
4.2.2. Pesquisa documental -----	27
4.2.3. Ilustração e diagramação -----	31
5. O PRODUTO -----	32
5.1. A apuração -----	32
5.2. O livro-reportagem -----	34
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	38
7. REFERÊNCIAS -----	38
APÊNDICES -----	45

1. INTRODUÇÃO

Desde os tempos mais remotos, o ser humano buscou comunicar valores, impressões, símbolos e ideias por meio da arte. Hoje em dia, os diversos formatos de expressão artística, seja um filme, uma música, uma pintura ou uma peça de teatro, não só estão presentes, como também integrados à vida humana. Dessa forma, é difícil imaginar que alguém não tenha condições de usufruir dessas criações que tanto inspiram e dão sentido à existência. Com a preocupação de tornar a experiência artística de pessoas com deficiências possível, a questão da acessibilidade cultural vem ganhando espaço e relevância.

Segundo Dorneles et al. (2019, p. 1-2), “acessibilidade cultural deve ser inicialmente compreendida como o direito de vivenciar experiências de fruição cultural com igualdade de oportunidades para diversos públicos, entre eles, pessoas com deficiência e mobilidade reduzida”. Ou seja, dizer que a cultura é acessível significa que as pessoas com deficiência têm a possibilidade de acessar, apreciar e ter experiências estéticas com a arte, possuindo condições para tal, proporcionadas por meio de iniciativas e recursos de acessibilidade.

Ao longo da história não é difícil encontrar exemplos de discriminação com aqueles que são diferentes. Por não se sentirem representados na sociedade, muitos desses indivíduos foram privados do contato com o mundo, e conseqüentemente, com formas de expressão humana, como a arte. Em pleno 2022, ainda é pouco comum ver pessoas com deficiência frequentando espaços culturais. Mas isso não ocorre por falta de interesse, e sim, como reflexo não só da falta de estímulo à fruição cultural, como também, de condições que promovam o acesso desse tipo de público de forma plena.

Quando se fala na promoção de acessibilidade cultural, os produtores de acessibilidade, gestores de centros culturais, formuladores de políticas públicas e artistas são os principais envolvidos. Há projetos e oficinas realizados por atores engajados com essa causa espalhados pelo país. Mas é em São Paulo que essas iniciativas se concentram. Um exemplo é o projeto *Nova Transformar: inclusão e evolução*, que promove o contato de pessoas com deficiência com as artes, através de ações educativas e de parcerias com museus e outros espaços culturais. Além disso, a rede Caixa Cultural e o Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) costumam oferecer programações voltadas para a questão da acessibilidade cultural.

O tema da Acessibilidade Cultural tem ganhado mais destaque após a promulgação da *Lei Brasileira de Inclusão (LBI)*, também conhecida como *Estatuto da Pessoa com Deficiência*, em 2015. Nela, ficou estabelecido o direito de acesso das pessoas com

deficiência à cultura, assim como, a importância de se assegurar a participação delas nas atividades culturais. Desde então, surgiram políticas públicas e iniciativas voltadas para a promoção da acessibilidade cultural às pessoas com algum tipo de deficiência, sejam elas, físicas, visuais, auditivas, intelectuais ou múltiplas.

A implementação de políticas públicas e o surgimento de projetos culturais também foram essenciais para dar visibilidade à temática no Brasil. Na década de 90, o movimento voluntário *Artes sem Barreiras*, com apoio da FUNARTE/RJ e do Ministério da Cultura, contribuiu para fomentar e difundir o direito cultural da pessoa com deficiência (DORNELES et al., 2019). As autoras ainda avaliam que, nos últimos anos, a política brasileira contou com avanços consideráveis em direção à inclusão da pauta da acessibilidade cultural: “Apesar da pauta da acessibilidade cultural parecer recente junto às políticas culturais, a legislação brasileira é abrangente na garantia dos direitos culturais da pessoa com deficiência. O tema está presente em diversos dispositivos constitucionais e legais” (DORNELES et al., 2019, p. 2).

No entanto, para que a acessibilidade cultural seja efetivada na prática, primeiro é preciso conhecer os hábitos culturais das pessoas com deficiência. Afinal, entender como se dá a relação desse público com os objetos da experiência artística pode ajudar a identificar as possíveis barreiras que impedem a fruição artística e cultural (VIGATA, 2016). Tendo conhecimento de aspectos como a frequência do contato, a forma como se relacionam e a preferência por determinados tipos de produtos culturais, pode-se pensar em estratégias para melhorar a experiência das pessoas com deficiência com a arte.

Ao mesmo tempo, é importante mapear os espaços culturais existentes e saber quais estratégias e dispositivos estão sendo utilizados para mediar a comunicação com esses públicos. É o que defende Vigata (2016, p. 290):

“O emprego de estratégias narrativas e discursivas para inserir os visitantes no universo da exposição e de analogias sensoriais para aproximar as obras da experiência comum cria um diferencial na acessibilidade, pois não se limita ao acesso informacional e tem mais probabilidades de propiciar experiências artísticas”.

Para facilitar a compreensão dos produtos artísticos, também é essencial entender como cada forma de arte pode ser assimilada por cada pessoa. Ou seja, quais recursos podem ser incorporados ao cinema, teatro, música ou pintura, para traduzir aquela obra ao maior número de pessoas, considerando as particularidades e diferenças da percepção de cada uma. Nas palavras de Silva (2015, p. 12):

“O indivíduo que experimenta como principal sujeito desse ato, quer dizer que o protagonismo não pode estar nas soluções propostas por um projeto de acessibilidade, mas no fato de que essas soluções podem conceder e reconhecer a

individualidade da pessoa que as experiência, proporcionando assim sua independência na fruição”.

Para trazer à luz a relação particular das pessoas com deficiência com a arte/cultura, assim como conscientizar a população local sobre a importância da acessibilidade cultural, criou-se o livro-reportagem *A arte diversa de ser*, produto resultante deste Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo. O livro aborda o tema sob a perspectiva de seis pessoas com diferentes deficiências do Distrito Federal. O diálogo com os envolvidos na cena cultural da cidade (artistas, gestores culturais, pesquisadores e pessoas com deficiência) possibilitou uma abordagem mais profunda.

A proposta deste trabalho, portanto, é traçar um panorama sobre a acessibilidade cultural do Distrito Federal, com histórias reais de pessoas com deficiência como pano de fundo. Nas entrevistas híbridas (on-line e presenciais), os seis personagens, tanto homens, quanto mulheres compartilharam as trajetórias, gostos, sonhos, vivências e desafios enfrentados. Ao dar espaço de voz a essas pessoas, foi possível analisar aspectos relacionados à fruição da arte.

A narrativa humanizada e o olhar empírico permitiram que o tema da acessibilidade cultural fosse retratado de forma mais realista, longe dos estigmas normalmente associados às pessoas com deficiência. Para a construção da narrativa, foi necessário encontrar indivíduos dispostos a contar as experiências pessoais. Com o objetivo de trazer mais liberdade, fluidez e empatia, viu-se o jornalismo literário como a abordagem ideal para apresentá-las.

Sendo assim, este memorial visa registrar o processo de concepção e produção de um livro-reportagem que retrata a relação de pessoas com deficiência com a arte no Distrito Federal. O projeto está dividido nos seguintes eixos: justificativa, na qual a autora apresenta o tema e o produto para demonstrar a relevância social do trabalho; o referencial teórico, que traz os antecedentes, conceitos e aspectos que embasam a temática; a metodologia, que mostra o passo a passo dos procedimentos adotados para a construção da narrativa; o produto, em que a estrutura do livro foi detalhada; e, por fim, anexos e referências utilizados.

2. JUSTIFICATIVA

2.1 Do tema

De acordo com o levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019), 8,4% da população brasileira acima de dois anos – o que representa um total de 17,3 milhões de pessoas – têm algum tipo de deficiência. Como forma de inserir essa parte

da população na cena cultural do país, em 2010, o *Plano Nacional de Cultura* definiu a meta de que 100% de bibliotecas públicas, museus, cinemas, teatros, arquivos públicos e centros culturais atendam aos requisitos legais de acessibilidade e desenvolvam ações de promoção da fruição cultural por parte das pessoas com deficiência até o ano de 2020. Isso significa que, em tese, os espaços culturais devem ter condições e recursos que possibilitem a fruição cultural das pessoas com deficiência.

No entanto, a acessibilidade cultural não é tão simples de ser colocada em prática. Além da implementação de estratégias e recursos de inclusão, é imprescindível um olhar atento e empático às necessidades e particularidades da percepção de cada um dos receptores dessas ações, pois eles assimilam os produtos culturais de outro modo. Ou seja, primeiro, as experiências individuais precisam ser entendidas, para que, depois, mecanismos efetivos que possibilitem o acesso pleno das pessoas com deficiência às produções artísticas sejam criados.

Mas não basta que esse direito do acesso à cultura esteja assegurado pela lei, é também necessário que ele seja exercido na prática. E isso só pode ser viabilizado por meio do desenvolvimento de estratégias de mediação cultural, da capacitação dos atores culturais, além da conscientização da sociedade como um todo.

O Distrito Federal tem se empenhado em fortalecer a legislação voltada à acessibilidade cultural. Em outubro de 2022, o decreto nº 43.811 instituiu a *Política Cultural de Acessibilidade*, que visa “fortalecer, valorizar e fomentar ações que promovam a acessibilidade e assegurem o pleno exercício das pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida na criação e na fruição cultural no Distrito Federal (DISTRITO FEDERAL, 2022)”.

Contudo, ainda há mudanças a serem implementadas para que o total de 113.642 pessoas com os mais diversos tipos de deficiência que vivem no DF, segundo o estudo *Retratos Sociais de 2022*, se sintam pertencentes à cena cultural da cidade. A importância de se falar em acessibilidade cultural no Distrito Federal está no fato de o “Quadrado” ser formado por uma fusão de culturas, rico em uma cena cultural viva. A cidade conta com uma programação cultural variada, além de vários espaços difusores de arte, como museus, teatros e centros culturais.

Meu primeiro contato com o tema se deu em conversa com minha irmã gêmea, que cursa Psicologia na Universidade de Brasília (UnB). Após tomar conhecimento a respeito da acessibilidade cultural, uma curiosidade sobre como é a experiência estética das pessoas com deficiência com a arte foi despertada. Sou uma grande apreciadora das mais diversas formas artísticas e costumo ter como passatempo predileto assistir a filmes, escutar música ou ir a

exposições. Inúmeras vezes, ao ir ao cinema ou ao contemplar uma pintura, me perguntei como seria viver sem essas experiências estéticas que tanto afagam a alma. E, após se sensibilizar com os desafios que as pessoas com deficiência enfrentam, um desejo de compreender um pouco mais a realidade delas, assim como a maneira com que interagem com o universo artístico se acendeu dentro de mim.

No âmbito do jornalismo, falar sobre essa temática sob um prisma diferenciado é de grande importância, visto que além de dar visibilidade à acessibilidade cultural, que ainda é pouco retratada na mídia, mostra a realidade de pessoas com deficiência sem os estereótipos e clichês que são comumente associados a elas.

Como se colocar no lugar do outro é o primeiro passo para adentrar um universo social peculiar, acredito dispor dos requisitos para tratar do tema, isto é, empatia, afinidade e interesse genuíno. Assim, o trabalho busca mergulhar nas experiências particulares desse público, com os espaços culturais da cidade como pano de fundo, e dar voz àqueles que muitas vezes não encontram espaço de fala na mídia.

Para tanto, pretende-se não só conhecer os hábitos que elas possuem, como também saber quais condições estão sendo oferecidas, tanto no âmbito de políticas públicas, quanto de projetos culturais, para permitir a fruição da arte pelos mais diversos públicos. Espera-se, assim, contribuir para que a temática da acessibilidade cultural ganhe visibilidade e reconhecimento.

2.2 Do produto

A decisão de produzir um livro-reportagem deu-se pelo formato mais amplo, que vai além da construção de uma reportagem ao permitir inserir falas dos personagens, bem como detalhes dos cenários e contextos com maior liberdade formal, trazendo profundidade e humanização para os fatos retratados. Na definição de Junior e Silva (2019, p. 6): “Um livro-reportagem pode ser definido como uma obra que trata de assuntos reais em seu enredo, utilizando de técnicas jornalísticas para a sua criação”.

A título de referência, a estudante utilizou os livros *O olho da rua – Uma repórter em busca da literatura da vida real* (2008), de Eliane Brum, e *Hiroshima* (1946), de John Hersey. Em *O olho da rua*, dez reportagens narram não só as histórias de vida dos personagens, como também bastidores da reportagem e impressões pessoais da jornalista, que trazem os próprios pensamentos e conhecimentos para o papel. Essa mescla entre personagem e autor facilita a imersão do leitor, tornando o relato mais vivo. No livro-

reportagem *A arte diversa de ser*, utilizei esse recurso para descrever as visitas aos espaços culturais do DF, como forma de fazer quem lê se sentir vivenciando aquela experiência.

No livro *Hiroshima*, por sua vez, John Hersey narra um dos episódios mais dramáticos da história sob a perspectiva de sete pessoas que sobreviveram ao ataque das bombas atômicas. O autor constrói a narrativa traçando paralelos entre as histórias isoladas de cada personagem, desencadeadas da mesma teia de acontecimentos. Essa estratégia de ligar os relatos me inspirou a criar conexões entre as histórias dos personagens.

Livros-reportagens produzidos por estudantes da Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília (UnB) também serviram de inspiração para este trabalho. É o caso do trabalho *Da Pista ao Luxo – Uma reportagem sobre a prostituição no Distrito Federal*, da Ana Luísa Rodrigues e Marisa Wanzeller, e da grande reportagem *Doce verde amargo – Traços da influência da cana-de-açúcar na sociedade de Alagoas*, de Tiago Padilha. Os dois me ajudaram a pensar a estrutura do livro-reportagem.

Para a escolha do título, pensou-se na ideia de que ser uma pessoa com deficiência em uma sociedade preconceituosa e pouco inclusiva é uma experiência complexa e diversa, sendo, portanto, uma verdadeira “arte”, o que dialoga com o tema central do livro. Apesar de meu nome completo ser Raquel Ribeiro Fernandes, preferi assinar o livro da mesma forma com que assino as matérias que produzo, como Raquel Valente, sobrenome da mãe.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

No intuito de embasar o processo de criação do livro *A arte diversa de ser – Seis histórias de pessoas com deficiência sobre a experiência com a cultura no DF*, as seguintes perspectivas foram selecionadas para analisar o objeto: acessibilidade cultural, experiência estética e jornalismo literário.

3.1 Acessibilidade cultural

Para desenvolver uma narrativa que conta a história de seis pessoas com deficiência no recorte da relação delas com a arte, é necessário primeiro entender o que é acessibilidade cultural. Esse tema é abordado por diversos pesquisadores brasileiros, com enfoque especial na evolução do direito cultural da pessoa com deficiência, nas políticas públicas e iniciativas de acessibilidade, como também, nas estratégias de mediação cultural. Além disso, boa parte

dos estudos se concentram em análises de casos na tentativa de avaliar de que forma as pessoas com deficiência estão sendo incluídas em determinados espaços culturais.

O tema da acessibilidade cultural tem ganhado mais destaque após a promulgação da *Lei Brasileira de Inclusão (LBI)*, também conhecida como *Estatuto da Pessoa com Deficiência*, em 2015. Nela, ficou estabelecido o direito de acesso das pessoas com deficiência à cultura, assim como a importância de se assegurar a participação delas nas atividades culturais. Desde então, surgiram políticas públicas e iniciativas voltadas para a promoção da acessibilidade cultural às pessoas com algum tipo de deficiência, sejam elas, físicas, visuais, auditivas, intelectuais ou múltiplas.

No artigo “Breve histórico da acessibilidade nas políticas culturais no Brasil”, Dorneles et al. (2019) traçam um panorama histórico sobre as políticas, projetos e ações culturais de fomento à acessibilidade para pessoas com deficiência. Segundo as autoras, em 2008, a política brasileira começou a avançar em relação a esse tema com a realização da Oficina de Políticas Públicas de Cultura para pessoas com Deficiência. No entanto, elas acreditam que a formulação de leis e projetos não são suficientes para que a inclusão seja garantida: “Não obstante os avanços na legislação, ainda se observa certa disparidade entre o que diz a lei e a prática bem como persistem os desafios atuais da qualificação e fortalecimento da pauta junto às políticas culturais” (DORNELES et al., 2019, p. 2).

A construção dos direitos culturais das pessoas com deficiência também é foco de interesse do livro, baseado em um projeto de extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) “Acessibilidade em ambientes culturais”, que vai além, ao trazer uma coletânea de artigos que tocam em diversos prismas do tema, como os recursos de acessibilidade, a comunicação sensorial e o consumo de produtos culturais (CARDOSO; CUTY, 2012).

No que se refere à aplicação prática da questão da acessibilidade cultural, a monografia “Acessibilidade Cultural: Uma leitura sobre experiência e plenitude” lança luz sobre os principais aspectos que devem ser contemplados para que as pessoas com deficiência possam usufruir dos produtos culturais de forma plena. A acessibilidade cultural inclui tanto os aspectos físicos do espaço cultural, quanto os aspectos subjetivos do sujeito que interage com o objeto artístico (SILVA, 2015). Para a autora, os conceitos: Experienciar o espaço cultural, Protagonismo do Sujeito da Experiência, Desenho Universal e Preparo Atitudinal são os grandes norteadores.

O livro *Acessibilidade em espaços culturais: mediação e comunicação sensorial* traz a noção de que a acessibilidade exige a autonomia do indivíduo em todos os espaços, serviços

e produtos culturais oferecidos. O alcance dessa autonomia pressupõe o desenvolvimento de novas estratégias de mediação, que envolvam todos os sentidos inerentes à percepção (SARRAF, 2014).

Segundo a autora, os recursos precisam propor percepções que não se limitem à visão e audição – vistos como sentidos superiores ao longo da história – mas também contemplem os demais sentidos: paladar, olfato tato e propriocepção (percepção da localização espacial do corpo).

O desenvolvimento do pertencimento cultural, que é um dos principais desafios dos espaços culturais na atualidade, pode ter a mediação sensorial como estratégia, lançando mão de recursos olfativos, de apelo ao paladar, sonoros e táteis, pois a percepção sensorial não pressupõe conhecimentos intelectuais, domínio de linguagem ou idioma e familiaridade com ofertas culturais; ela é livre das barreiras intelectuais e sociais inerentes à origem dos espaços culturais e tem o poder de envolver e sensibilizar diferentes indivíduos. (SARRAF, 2014, p. 22)

Sendo assim, a mediação da experiência estética das pessoas com deficiência deve contar com um conjunto de recursos implementados por profissionais capacitados que auxiliam na compreensão do objeto artístico pelos públicos diversos. O artigo “Acessibilidade e mediação cultural: uma reflexão e aproximação entre concepções” reflete sobre a importância da mediação cultural, direta e indireta, para a acessibilidade a espaços culturais, como museus, teatros e cinemas. Na visão de Suzuki:

Perceber a mediação cultural e a acessibilidade como um modo de ser, de estar e de atuar para além dos setores educativos irá possibilitar que os museus no Brasil se transformem de maneira integral, visando o acolhimento de todos os públicos e não apenas de alguns, dessa forma solidificando sua função comunicativa e educativa e favorecendo a criação do fortalecimento identitário e cultural das comunidades e dos indivíduos com e sem deficiência. (2018, p.166)

Os recursos multissensoriais também podem ser chamados de *Tecnologias Assistivas*. Sob a ótica do desenho universal, o artigo “Acessibilidade para Inclusão da Pessoa com Deficiência: sobre o que estamos falando” traz as tecnologias assistivas como instrumentos mediadores e facilitadores da inclusão. Susana e Mariana Pimentel (2017) apontam que há uma relação direta entre elas e a acessibilidade cultural: o uso de tecnologias assistivas é condicionante para que haja uma maior possibilidade de interação e para que as barreiras físicas e sociais sejam contornadas.

No que tange à mediação cultural, a comunicação é protagonista. Pelo menos é o que defende a monografia “A comunicação dos sentidos nos espaços culturais brasileiros: estratégias de mediações e acessibilidade para pessoas com suas diferenças”, que se aprofunda no estudo sobre o potencial de comunicação e mediações sensoriais como estratégia de acessibilidade para diferentes públicos em espaços culturais. É por meio de

processos de comunicação que os espaços culturais desenvolvem produtos e serviços. Sendo assim, eles também são meios de comunicação, pois incorporam determinadas linguagens de forma a tornar aquele objeto cultural compreensível ao público (SARRAF, 2013).

O artigo “Design para experiência Multissensorial em museus” explora o conjunto de soluções que podem ser empregadas para que os conteúdos e produtos culturais sejam adaptados aos mais diversos públicos. Essas estratégias são multissensoriais, podendo ser recursos visuais, sonoros, táteis, olfativos, entre outros. Cardoso explica cada um deles:

Essa interação ocorre por meio dos mais variados recursos, desde formas exploratórias táteis (esculturas, reproduções táteis tridimensionais, modelos em escala reduzida), sonoras (audioguias e audiodescrições), ou mesmo olfativas, gustativas ou cinestésicas (movimento, vibração). (CARDOSO, 2017, p. 141)

Educadores e mediadores treinados para atendimento de pessoas com deficiência, catálogo de obras do acervo com versões em áudio, braille e letras ampliadas, além de visitas educativas programadas sob demanda também são outros exemplos de estratégias que possibilitam a experiência de pessoas com deficiência (SARRAF, 2014). Kastrup (2010) acredita que o acesso à informação e uma política de acesso à experiência são os elementos centrais para se pensar em acessibilidade cultural:

A primeira privilegia a transmissão de informações sobre as obras, sobre seus criadores e sobre seu contexto histórico. Para isto lança mão de dispositivos como maquetes, mapas táteis, gravações em áudio e recursos diversos em Braille (placas, folhetos etc.). Em se tratando de obras de arte, o mapa tátil dificilmente é capaz de produzir a percepção do que a arte tem de arte, pois ele se limita a representar uma forma. E o acesso à arte depende mais da percepção da dimensão expressiva da obra do que de sua dimensão representativa. (2010, p. 42)

Cardoso (2017) avalia que o número de iniciativas baseadas na interação multissensorial entre visitantes e obras de arte em ambientes culturais têm crescido nos últimos anos não só no mundo, como também, no Brasil. Os espaços culturais que utilizam recursos de acessibilidade cultural, contudo, ainda são poucos. O atendimento aos públicos não usuais, principalmente às pessoas com deficiência, existe em aproximadamente 24 instituições, que representam menos de 1% dos mais de 3 mil espaços culturais existentes no Brasil, segundo o Cadastro Nacional de Museus do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), vinculado ao Ministério da Cultura (SARRAF, 2014).

De acordo com a autora, as iniciativas destinadas à inclusão cultural desses públicos começaram a surgir nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, entre o final das décadas de 1960 e 1980. É só na década de 2000 que os projetos aumentaram em número e qualidade fora do eixo Rio - São Paulo. Sarraf avalia essas iniciativas:

Na maioria dos espaços culturais brasileiros que se intitulam acessíveis, as adequações oferecidas se limitam à acessibilidade física, compreendida como eliminação de barreiras arquitetônicas. Nesses espaços, a acessibilidade não é considerada universal, o que envolve a comunicação, o acesso à informação e à inclusão social praticada nas relações sociais. (2014, p. 77-78)

Dessa forma, a autora acredita que o desenvolvimento da comunicação sensorial em espaços culturais brasileiros pode ser considerado “em fase inicial de desenvolvimento”. Apesar de o cenário ter começado a apresentar mudanças mais expressivas a partir da década de 2010, as poucas iniciativas dessa natureza são, na maioria das vezes, temporárias ou condicionadas a projetos especiais (SARRAF, 2014). Quando há programas acessíveis, eles são compostos por:

[...] acessibilidade física, que apresenta adequações espaciais; acessibilidade comunicacional, que propõe alternativas de acesso à informação e novas estratégias de mediação; e acessibilidade atitudinal, que conduz o atendimento e a ação educativa sem atitudes de exclusividade e exclusão de pessoas com deficiência. (SARRAF, 2014, p. 146)

Os estudos apresentados oferecem uma boa base teórica sobre o tema da acessibilidade cultural e podem contribuir para a elaboração do livro-reportagem à medida que tratam de aspectos centrais que englobam a experiência estética das pessoas com deficiência, passando desde as políticas públicas e os conceitos de acessibilidade, até os instrumentos de mediação cultural que podem ser utilizados na construção de espaços inclusivos.

3.2 Experiência estética

A acessibilidade cultural pode ser analisada por diferentes prismas, mas é na experiência das pessoas com deficiência com os objetos artísticos que reside o interesse central deste trabalho. Com o objetivo de contextualizar e esclarecer o enfoque temático serão apresentados estudos que se debruçaram sobre a experiência estética das pessoas com deficiência com a cultura/arte.

Mas antes, é necessário entender o significado de “experiência artística”. Segundo Dewey (apud VELÁZQUEZ; FERREIRA, 2015, p. 45), “experiência se trata do curso de interações entre sujeito e objeto que traz consigo sua própria qualidade individualizadora e sua auto-suficiência”. Ao unir o termo “arte” com “experiência” surge a expressão “experiência artística”. Para Velázquez e Ferreira (2015, p. 47), há dois significados para ela:

a) “experiência artística” se refere ao envolvimento completo de um determinado sujeito no processo de fazer, conhecer e exprimir, tomando a “experiência” como uma qualidade do processo artístico; b) “experiência artística” se refere a uma

forma específica de experienciar, ou seja, uma vivência da experiência de uma forma artística”.

Contudo, o termo mais adequado para designar a relação que as pessoas com deficiência cultivam com a arte é experiência estética, pois a palavra “estético” se refere à experiência como apreciação, percepção e deleite, denotando o ponto de vista do espectador, e não do produtor da forma artística (DEWEY, 2010). Para ele, apesar da prática artística ter uma característica mais ativa e a percepção estética mais passiva, uma não exclui a outra.

O fazer não se separa do sofrer, ou seja, do gosto. O artista, enquanto trabalha, incorpora a atitude de quem percebe. Por outro lado, a ação artística só se completa com a participação do espectador, daquele que percebe a obra em questão. Neste sentido, a experiência perceptiva é, ela própria, uma experiência criadora, completando o trabalho de produção. (DEWEY, apud KASTRUP, 2007, p. 40)

Quando as condições necessárias para uma vivência plena da experiência não são oferecidas, os grupos que delas dependem, como é o caso das pessoas com deficiência, são privados de consumir arte.

Deflagrarmos, assim, a existência de produções artísticas que não mobilizam uma transformação do sujeito, mas tão somente do objeto, uma vez que lhe falta a vivência integral de sua arte, bem como a existência de profundas vivências experienciais que não reverberam nem manifestam a totalidade de suas potencialidades. (VELÁZQUEZ; FERREIRA, 2015, p. 48)

Na dissertação “Mediação acessível: por uma experiência estética na deficiência”, Zamaro (2019) busca delimitar os fatores mais significativos da percepção de pessoas com deficiência intelectual, física e visual que permitem a fruição estética de obras de arte em espaços culturais.

Na visão da autora, a associação dos sentidos, como olfato, visão e audição, é o que condiciona e caracteriza a experiência estética de uma pessoa com deficiência. “Quando nos damos conta de que a experiência estética e a expressão estética não se resumem aos olhos, estamos reconhecendo a relevância dos demais sentidos e a sua importância no campo da educação estética” (2019, p. 77). Sendo assim, Zamaro defende que as propostas de mediação estética que contenham o mais variado repertório sensorial têm potencial de criar experiências mais inclusivas.

A percepção estética da arte, porém, envolve não só os sentidos, bem como, a cognição. O objeto artístico é primeiro captado pelos sentidos para depois ganhar significado na mente. No ensaio, “A atenção na experiência estética: cognição, arte e produção de subjetividade”, Kastrup (2011) aponta que a aprendizagem de um cego, por exemplo, necessita do cultivo de uma atenção que remete à cognição inventiva. “A síntese em nível perceptivo é característica de todas as modalidades perceptivas” (2011, p. 30).

Portanto, os ambientes culturais precisam oferecer aparatos de mediação que trabalhem com todos os sentidos para possibilitar que as pessoas com deficiência usufruam da arte. Como destaca Abraham Kaplan (1934, p. 21-22): “Os atributos da obra de arte dependem não apenas das pessoas que a vivenciam (assim como do produto artístico), mas também da circunstância da experiência”.

Pensando em desvelar o universo peculiar e os detalhes da experiência perceptiva de pessoas cegas pelas vias sensoriais de que fazem uso, Garcia (2011) desenvolveu a dissertação “A percepção de esculturas por três pessoas cegas”. Por meio de entrevistas e depoimentos escritos, a autora identificou as formas peculiares desses indivíduos perceberem, explorarem, se relacionarem, sentirem e compreenderem as esculturas. Sobre os resultados encontrados, Garcia (2011) avalia: “Foram nítidas as peculiaridades dos sujeitos da pesquisa no que se refere à forma de percepção dos objetos artísticos, bem como ao repertório diferenciado de experiências implicando caminhos distintos da exploração de cada um dos sujeitos” (p. 87).

Outro estudo que analisa as particularidades dessa percepção é a tese “A experiência artística das pessoas com deficiência visual em museus, teatros e cinemas: uma análise pragmaticista”. Nele, Vigata (2016) traz um apanhado sobre a questão da acessibilidade aos espaços culturais por pessoas com deficiência visual, mas preocupa-se com os processos de significação e os efeitos que as experiências artísticas produzem nesses sujeitos. Ela aponta que as experiências podem ser tanto agradáveis, no caso de quem as vivencia com autonomia, quanto frustrantes e incapacitadoras, para aqueles que não dispõem das modalidades perceptivas adequadas.

Na tese “Além da visão: Mediações na Experiência Estética”, Tomaz (2016) ressalta que a experiência estética pode ser ativada de diferentes maneiras para cada um, mas para isso, é necessário que todos sejam amparados por uma multiplicidade perceptiva. A autora acrescenta que “os sons, sabores, texturas, formatos, espessuras e cheiros” promovem experiências mais ricas do que as proporcionadas somente pela visão. Nas palavras de Tomaz (2016, p. 33): “A possibilidade de interagir multissensorialmente, pensando a totalidade e consciência somática é uma questão de alteridade onde todos se beneficiam e capacitam usos e habilidades sensoriais diversificadas”.

Processos que permitam essa experiência sinestésica, objetos e espaços que conduzam essa experiência são cada vez mais comuns, por entenderem e dialogarem com o processo de interatividade pelo qual a arte tem vivido através do tempo. Nesse sentido, a arte contemporânea nos brinda com possibilidades de experiências corpóreas, interativas, na medida em que desconstrói o objeto de arte tradicionalmente organizado, promovendo novas interações e olhares sobre ele. A

arte nos toca de diferentes maneiras, nos comovendo, não apenas através da apreensão visual da forma, mas com toda a extensão do nosso corpo e sistemas de sensibilidade. (TOMAZ, 2016, p. 41-42)

Dessa forma, a diversidade de experiências sensoriais precisa ser contemplada para que as pessoas com deficiência possam usufruir dos espaços culturais. É o que Cohen e Duarte (2016) enfatizam no artigo “Subsídios metodológicos na construção de uma “acessibilidade plena”: a produção da identidade e da subjetividade de pessoas com deficiência”. Além de trazer considerações conceituais, os autores utilizam ferramentas metodológicas, como a observação participante, para compreender as experiências e percepções de pessoas com deficiência em exposições.

Cohen e Duarte (2016) constataam que os espaços culturais só são acessíveis quando conseguem expressar as identidades das pessoas com deficiência e permitem que elas utilizem os próprios sentidos de maneira interdependente: “Isso significa igualmente considerar sentimentos de afeto e sensações de prazer que se podem estabelecer com percepções e experiências satisfatórias em ambiências que acolhem todas as pessoas” (p. 3).

Na tentativa de compreender a inclusão dos públicos com deficiência nos museus de arte, partindo do ponto de vista das pessoas com deficiência, Martins (2014) desenvolveu a dissertação *Museus (In)capacitantes: Deficiência, Acessibilidades e Inclusão em Museus de Arte*.

Os estudos de caso das visitas de grupos de pessoas com deficiência intelectual, visual e auditiva em museus evidenciaram que esses espaços são fontes de entusiasmo para esse público, pois são pouco comuns na rotina deles. Além disso, por ser uma experiência conjunta que envolve não só os familiares, como também, os funcionários do museu, a visita proporciona a construção de relações de afeto, a partilha de ideias e a aquisição de conhecimentos.

3.3 Jornalismo literário

Diante do exposto, pensou-se na criação de um livro-reportagem que retratasse a experiência de pessoas com deficiência visual, auditiva, intelectual e múltipla com a arte no Distrito Federal. A escolha desse suporte se deu pela possibilidade que ele oferece de aprofundar uma temática de forma mais detalhada e imersiva. Dentre as narrativas jornalísticas, optou-se pelo jornalismo literário, cujo conceito significa:

[...] potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. (PENA, 2006, p. 49)

Nesse tipo de escrita, o autor pode narrar o fato com “liberdade maior”, uma vez que: “o jornalismo literário tem este segundo nome porque se aproxima da forma de escrever da literatura, buscando a beleza formal e usando recursos de linguagem próprios dela, principalmente do romance” (LUGÃO, 2012, p. 56).

O livro-reportagem se popularizou com o surgimento do New Journalism americano, marcado pela exploração de recursos narrativos, típicos da literatura. Sobre o New Journalism, Silva e Costa (2017, p. 6) afirmam: “Um dos principais representantes dessa vertente jornalística foi Tom Wolfe, que se inspirou na prosa literária e promoveu a imersão do jornalista nos locais onde os fatos acontecem, com a descrição objetiva e subjetiva dos cenários e personagens”. Dentro dessa perspectiva, o profissional que escreve um livro-reportagem deve se atentar não só às informações transmitidas por meio da linguagem oral, como também aos aspectos não verbais: gestos, expressões e movimentos, captando tudo que se passa ao redor (JUNIOR; SILVA, 2019).

Rocha e Xavier (2013) explicam que o livro-reportagem utiliza um maior número de fontes para obter dados e informações sobre o tema. Ademais, eles apontam que esse suporte adota o recurso da humanização, que consiste em “aproximar dados e informações do leitor, fazendo o movimento de deslocamento de algo universal para o âmbito particular ou pessoal, ou do abstrato para o concreto” (2013, p. 14-15). Dessa forma, um fenômeno no livro-reportagem é articulado com o contexto no qual está inserido e com as demais nuances que se ligam à temática, sendo, portanto, abordado de forma mais ampla.

Os personagens também assumem um lugar de importância no jornalismo literário, que evita trazer as fontes primárias – comumente presentes na imprensa tradicional – para dar voz a cidadãos comuns da sociedade, que trazem novas perspectivas ao tema apresentado (JUNIOR E SILVA, 2019).

A humanização do relato não se limita à produção de textos com linguagem literária e valorização dos personagens, mas se expande para a busca da essência das ações humanas, “a escolha de um olhar, uma perspectiva, um ponto de partida diferenciado” (MONTEIRO, 2015, p.7). Dessa forma, o jornalista pode colorir o texto trazendo uma visão humanística e impressões mais personalizadas.

O relato jornalístico humanizado pode sensibilizar e ampliar a compreensão dos leitores sobre a realidade na qual estão inseridos, além de se tornar uma ferramenta de divulgação das ações humanas para a construção de uma sociedade igualitária. A

intenção, no caso de um jornalismo mais sensível, é aproximar as pessoas de uma realidade que nem sempre conhecem e, por isso, com a qual não se preocupam. (MONTEIRO, 2015, p. 13)

Dentre os gêneros com que o livro-reportagem pode ter interação está o Jornalismo Literário, que nas palavras de Guzzo e Teixeira (2008, p. 2) é: “um tipo de jornalismo em que a leveza, a liberdade de angulação e de escrita da literatura se faz presente como nos romances fictícios”. Apesar da maior liberdade formal, o gênero não deixa de lado a clareza descritiva, nem a apuração ética e criteriosa tão características do jornalismo tradicional (PENA, 2005). Segundo Martinez (2009), o jornalismo literário precisa “tecer narrativas com símbolos, metáforas e imagens que são de fácil compreensão para todos”.

Logo, o jornalismo literário permite que uma história seja observada sob ângulos variados, em um processo que agrega fatos objetivos com sentidos subjetivos. Esse potencial do jornalismo literário é descrito por Martinez (2017, p. 31) da seguinte forma:

De uma certa maneira, uma vez que as histórias de vida se constituem no cerne do Jornalismo Literário, elas teriam na medida do que fosse possível ao jornalista literário o potencial de ampliar a tentativa de compreensão sobre si mesmo e sobre o outro, num notável exercício de alteridade que se estende à relação com a comunidade e/ou a sociedade na qual ambos se inserem. Além dos aspectos individuais e sociais, não ficariam à parte, sobretudo no caso brasileiro, a tentativa de compreensão das relações com os respectivos “cosmos” nos quais ambos se encontram inseridos, integrando-se aqui as abordagens vinculadas às sutis camadas dos imaginários que cada ser humano está inserido, conscientemente ou não, mas também as percepções, aberturas e negações ligadas aos mistérios inerentes à vida humana.

Para facilitar a compreensão do conceito de jornalismo literário, Pena (2006) o destrinchou em sete itens diferentes, chamados de “estrela de sete pontas”. Na primeira ponta, estaria o desenvolvimento das técnicas jornalísticas, como apuração rigorosa, observação atenta e abordagem ética. Na segunda, está o rompimento da periodicidade e atualidade do fato. Na terceira, a preocupação é ampliar a realidade, ou seja, contextualizar a informação da forma mais abrangente possível. Na quarta, está uma abordagem mais cidadã para aquele tema, de forma a contribuir com a formação social. Na quinta está a fuga do lide para uma construção de narrativa mais ampla. Na sexta está a preocupação em trazer fontes alternativas ou pontos de vista menos explorados. Por fim, na sétima ponta está a criação de uma obra que não envelheça, isto é, perca a relevância com o passar do tempo.

Um bom livro permanece por gerações, influenciando o imaginário coletivo e individual em diferentes contextos históricos. Para isso, é preciso fazer uma construção sistêmica do enredo, levando em conta que a realidade é multifacetada, fruto de infinitas relações, articulada em teias de complexidade e indeterminação. (PENA, 2006, p. 8)

Tendo em vista as características do jornalismo literário, sobretudo a humanização do relato, o presente trabalho pretende agregar essa abordagem na construção do livro-

reportagem. Como o objetivo é visibilizar e reconhecer a vivência das pessoas com deficiência no que diz respeito à prática cultural, esse gênero se mostra como uma alternativa apropriada, uma vez que poderá trazer uma perspectiva aprofundada sobre o tema.

4. METODOLOGIA

4.1 Do pré-projeto

Desde o início se tinha em mente a produção de um livro-reportagem sobre acessibilidade cultural com a abordagem do jornalismo literário. No entanto, no início, se pensou em focar na experiência das pessoas com deficiência nos espaços culturais da cidade. Tanto é que todo o pré-projeto foi desenvolvido nesse sentido. A ideia era entender como pessoas com deficiências física, visual, auditiva, intelectual e múltipla usufruem dos espaços culturais da cidade. Por meio de visitas presenciais aos espaços, o objetivo era avaliar quais barreiras estavam presentes nesses ambientes, os recursos de acessibilidade ofertados, bem como, quais tipos de vivências cada uma possuía para compartilhar. O foco central, portanto, seria a relação delas com os espaços culturais do Distrito Federal.

Contudo, algumas dificuldades começaram a surgir no meio do caminho. Primeiro, percebeu-se que muitos dos personagens que decidiram participar da grande reportagem não tinham um contato tão frequente com os espaços culturais da cidade, logo, não seria possível avaliar essas experiências com a profundidade necessária. Além disso, muitos deles tinham agendas bem ocupadas, o que tornou desafiador conciliar os horários para marcar as entrevistas. E, por fim, ao longo das conversas, ao contrário do que se tinha pretendido, outros aspectos se destacaram e se mostraram mais interessantes, como as histórias de vida associadas à deficiência e o papel da arte no enfrentamento dos desafios rotineiros.

Sendo assim, optou-se por fazer um novo recorte do tema e mudar a pauta para a relação das pessoas com deficiência do DF com a arte, de forma a ampliar o escopo de análise, ultrapassar as limitações encontradas e deixar as histórias com mais sustância e emoção.

4.2 Do projeto final

Por se tratar de uma grande reportagem, entrevistas online e presenciais foram as grandes norteadoras da apuração do projeto. Para embasá-las, foram elaborados roteiros,

anexados ao final do presente trabalho. A apuração jornalística esteve presente em todo o processo. Livros e filmes também ajudaram a me familiarizar com a temática e se aproximar mais intimamente do universo da deficiência. Pesquisas documentais a respeito das políticas públicas existentes no Distrito Federal, bem como das iniciativas em curso serviram para compreender o objeto de estudo.

4.2.1 Entrevistas

Como toda reportagem, as entrevistas realizadas tanto com especialistas, quanto com personagens foram as grandes responsáveis por ditar o tom e o ritmo do livro. Nas palavras de Lage (2001, p. 32): “A entrevista é o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo. É uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos”.

Segundo a classificação do autor, optou-se pela escolha dos tipos de entrevistas temáticas e em profundidade. Enquanto a primeira procura compreender um problema por meio dos conhecimentos transmitidos por pessoas com autoridade e/ou experiência sobre o tema, a segunda é caracterizada pela preocupação em captar os aspectos da vida do entrevistado e o modo como ele constrói a sua representação no mundo (LAGE, 2001).

A postura adotada em uma entrevista, no entanto, não é passiva, apenas no sentido de absorver tudo aquilo que o outro diz. A recepção das informações, histórias e pensamentos deve ser ativa, com participação do jornalista. “Se não soubermos receber o que a vida nos mostra, se não nos impregnarmos de vida enquanto vivemos/escrevemos, matamos nossa escrita e nosso corpo torna-se apenas uma casca, um invólucro para nosso texto morto” (CAPUTO, 2006, p. 25).

Para Duarte (2004, p. 215), por meio das entrevistas é possível fazer um mergulho em profundidade em um universo específico, “coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo”.

O processo de se aproximar de uma realidade diferente da vivenciada pelo jornalista exige um olhar empático e acolhedor. Para abordar os entrevistados, eu segui o conselho de Duarte (2005, p.7):

Deixe o informante à vontade. Ele deve ser estimulado a fazer o relato de como percebe o assunto, a falar franca e livremente. Seja cordial, modesto, positivo, busque empatia, tenha e demonstre interesse pelo que ele sabe e pensa. Estimule a

expressão e seja permissivo desde que isto facilite a obtenção de informações. Assuma o papel de ouvinte curioso e estimule a abordar com naturalidade cada questão.

Também é importante que o jornalista tenha em mente a preocupação em representar o entrevistado de forma fidedigna. A história subjetiva, isto é, o interior, os vínculos e sentimentos, assim como, a realidade objetiva, que se expressa nas formas de interação e satisfação dos desejos e necessidades das pessoas com deficiência devem ser observados (CARVALHO, 2007).

Conhecer a pessoa com deficiência dentro do contexto que está inserido implica dirigir o olhar para partes sem perder de vista a estrutura global para aclarar as relações, os comportamentos e as atitudes. Há necessidade, portanto, de desvelar a essência, transcendendo o objeto material, investigar a subjetividade de como as pessoas elaboram essa consciência. (CARVALHO, 2007, p. 39)

O tato para abordar as pessoas com deficiência se refletiu primeiro no cuidado com a denominação correta para chamá-las. Portador, especial ou deficiente? A Convenção das Nações Unidas sobre o Direito das Pessoas com Deficiência (2006)¹ definiu que o termo adequado para denominar aqueles que possuem qualquer tipo de deficiência é pessoa com deficiência (PCD), uma vez que ele não impõe qualquer discriminação ou transmite imagens pejorativas ou inferiorizadas desses indivíduos. Tendo conhecimento disso, procurei criar relações com os entrevistados que os permitissem se sentir à vontade para contar suas histórias, identificando a zona de conforto de cada um.

De uma maneira geral, os entrevistados não demonstraram barreiras para tratar dos assuntos abordados. Nas conversas, tanto on-line quanto presenciais, foi possível criar espaços de diálogo confortável para eles, que compartilharam experiências pessoais e intimidades por livre e espontânea vontade, sem que eu precisasse me esforçar para tocar nessas questões. Em alguns momentos, apenas foi necessário fazer com que eles retomassem determinado assunto para obter maior profundidade.

Apesar de as conversas terem sido guiadas por roteiros de perguntas previamente elaborados (todos anexados neste documento, nos Apêndices), percebi que cada uma tinha um ritmo próprio, o que fez com que novas ideias surgissem a partir das respostas, alterando os rumos das entrevistas.

Boni e Quaresma (2005, p.72) apontam que o papel do roteiro de perguntas é contemplar a sequência do pensamento do pesquisado “procurando dar continuidade na conversação, conduzindo a entrevista com um certo sentido lógico para o entrevistado”. Contudo, por estar

1ONU. Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. Nova York: Nações Unidas, 2006.

inserida em um contexto semelhante ao de uma conversa informal, nessa modalidade de entrevista é importante que o pesquisador não siga à risca às questões pré-definidas, mas intervenha quando achar necessário (BONI e QUARESMA, 2005). Também é importante que o jornalista esteja atento e aberto a escutar o que o entrevistado tem a dizer.

Quando o jornalista usa bem o roteiro, ele tem consciência que preparou algumas perguntas, mas sabe também que, se ouvir de verdade, outras perguntas surgirão das próprias respostas do entrevistado. Na verdade, o que precisa acontecer é uma autêntica conversa, um diálogo autêntico. Muitos jornalistas se prendem às perguntas que prepararam e não ouvem a resposta do entrevistado porque estão ansiosos por fazer a outra pergunta. (CAPUTO, 2006, p. 48)

A entrevista, portanto, não pode se prender a um roteiro fixo. Mais do que uma técnica de perguntas e respostas, ela é um diálogo entre duas ou mais pessoas.

A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpretação informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. Em todos estes ou outros usos das Ciências Humanas, constitui sempre um meio cujo fim é o inter-relacionamento humano. (Medina, 2002, p. 8)

Essa interação entre entrevistador e entrevistado é o que torna a entrevista mais rica. Também é importante que o jornalista esteja preparado e busque informações prévias antes de falar com o entrevistado.

Perguntar alguma coisa é querer saber, é aprender. E, nesse sentido, o jornalista tem de estar disposto a ouvir e a aprender com o que as suas fontes têm para lhe contar. É preciso saber ouvir as respostas e, em caso de necessidade, revê-las com o entrevistado, para que não restem dúvidas na mente do jornalista quando for escrever a sua reportagem. (GRANALDO, 2021, p. 135)

Para chegar até os seis personagens entrevistados no livro, entrei em contato com associações como a APAE-DF, com a Diretoria da Diversidade (DIV) da Universidade de Brasília (UnB) e com atores envolvidos com projetos de acessibilidade cultural, que indicaram pessoas com histórias interessantes para contar. Dez pessoas foram convidadas por meio de mensagens, mas apenas seis toparam participar. Como grande parte delas tinha a agenda ocupada e/ou morava longe, a autora optou por realizar as entrevistas online, por meio de chamadas de vídeo no Zoom. À medida que conversava com elas, eu marcava um encontro presencial em algum espaço cultural da cidade.

Nesses encontros ao vivo e em cores foi possível recolher os pormenores que faltavam, uma vez que a entrevista pessoal possibilita uma maior ligação com a fonte e permite recolher uma série de outros pormenores que podem ser essenciais para a reportagem (GRANALDO, 2021). Marcar essas visitas, no entanto, não foi tarefa simples, devido à

dificuldade de conciliar os horários com os entrevistados. Além disso, era preciso encaixar o tempo que eles tinham disponível com a programação cultural da cidade.

No primeiro encontro presencial, por exemplo, com a Mariana Guedes, a personagem com deficiência física, decidimos ir ao Museu Nacional da República. Mas, ao chegar até lá, no final da tarde de uma sexta-feira, descobrimos que ele já estava fechado e tivemos que escolher outra opção, que foi um festival de música e gastronomia no Eixo Cultural Iberoamericano. Após várias tentativas fracassadas de marcar um encontro com Wladimir Afiouni, o personagem com deficiência auditiva, optou-se por encontrá-lo em um show da banda Remobília, em um espaço cultural do Casa Park. Como ele estava sempre ocupado, essa se mostrou a melhor alternativa para falar com ele pessoalmente.

Ao longo das conversas presenciais, eu gravava alguns trechos e anotava falas marcantes no bloco de notas do celular, para depois passar a limpo. Além disso, eu também procurava me atentar aos detalhes do ambiente ao redor, gestos e expressões dos entrevistados, por reconhecer a importância desses elementos para a construção da narrativa.

Observe o ambiente onde se dá a entrevista, a relação que se estabelece entre as pessoas, a forma como o entrevistado se comporta, seus movimentos, ênfases, silêncios, pausas e gestos. Os aspectos relacionados ao comportamento do entrevistado e o contexto da entrevista ajudam a complementar a informação semântica, aquilo que se torna explícito verbalmente. (DUARTE, 2005, p. 8)

Para completar a lista de fontes, eu entrevistei, também em formato virtual, uma profissional da Secretaria de Economia e Cultura Criativa do Distrito Federal (Secec) à frente do projeto de acessibilidade cultural da capital. Gestores, produtores culturais e professores de arte também foram entrevistados para dar um embasamento e uma visão mais prática sobre o tema. Eu busquei ainda, por meio da Secretaria de Comunicação (Secom) da Universidade de Brasília, docentes que pudessem falar sobre a experiência estética de pessoas com deficiência com a arte.

Os profissionais procurados que seguiam linhas de pesquisa sobre estética e arte eram do Departamento de Filosofia. Mas como Brasília não contava com tantos estudiosos que abordassem o tema, a estudante decidiu expandir e entrevistou especialistas de outros estados, como Viviane Sarraf e Virgínia Kastrup, indicada pela primeira. Esses entrevistados auxiliaram a autora a compreender o cenário da acessibilidade no Distrito Federal, bem como as experiências das pessoas com deficiência com a arte.

4.2.2 Pesquisa documental

A consulta documental para adquirir subsídios e conhecimentos sobre o tema envolveu a pesquisa desde materiais especializados, como artigos e livros acadêmicos, até obras da literatura e do cinema. “Quanto mais se conhece o assunto, mais se ganha segurança para definir quais aspectos priorizar de modo a explorar uma nova abordagem e quais escolhas fazer no processo de captação de informações” (SILVA, 2022, p. 34). O autor ainda aponta que essa pesquisa prévia é essencial para a produção de reportagem, bem como, de temas e acontecimentos com repercussão e consequências para a sociedade.

Como forma de saber as condições legais da acessibilidade no Distrito Federal e as políticas que estão sendo implementadas, as *legislações Política Cultural de Acessibilidade do DF* (2022), o *Estatuto da Pessoa com Deficiência* (2015) e o *Plano Nacional de Cultura* (2010) foram consultadas. Dissertações e livros de autores que tratavam sobre as temáticas da deficiência, arte e experiência estética também foram utilizados para embasar a grande reportagem.

Ainda assisti a filmes com protagonistas com deficiência como forma de se aproximar desse universo e ter mais conhecimento sobre os estereótipos, preconceitos, símbolos e barreiras associados a eles. Esses longas foram mencionados no livro *A arte diversa de ser* por apresentarem paralelos com as histórias dos personagens. O primeiro deles, *O som do silêncio* (2019), filme indicado ao Oscar, aborda o processo de adaptação de um baterista após perder a capacidade de ouvir. A produção traz reflexões sobre a aceitação da deficiência auditiva e todo o processo de autodescoberta envolvida nela.

Já o filme *A cor do paraíso* (1999) narra a história de uma criança cega que explora diferentes possibilidades de apreensão da realidade. O longa levanta o debate sobre o potencial das outras formas de percepção proporcionadas por meio dos outros sentidos que não a visão. O aclamado *Forrest Gump* (1994) conta as aventuras de um homem autista desde a infância até a fase adulta. O longa traz à tona o debate sobre os padrões sociais impostos sobre o modo como as pessoas devem ser e estar no mundo.

Por fim, o filme *Como estrelas na Terra* (1997) retrata a experiência de um menino indiano que enfrenta diariamente os estigmas pejorativos comumente associados a pessoas com dislexia. A narrativa desconstrói a visão preconceituosa e capacitista de que pessoas com deficiência não têm potencial de ter sucesso. Como todas as formas de discriminação, a exemplo do racismo e da homofobia, o imaginário popular presente na sociedade enxerga que as pessoas não são capazes simplesmente por terem uma deficiência.

O capacitismo faz alusão a uma opinião desfavorável sobre a pessoa com deficiência, uma opinião prévia, muitas vezes, baseada no imaginário acerca da pessoa com deficiência, no qual esta é vista como alguém sem capacidade de ter

autonomia e independência para gerir a própria vida. (MARCHESAN; CARPENEDO, 2021, p. 51)

Embora essas perspectivas excludentes ainda sejam perpetuadas e que a realidade das pessoas com deficiência continue sendo assinalada pela negação de direitos, Luiz e Silveira (2020, p. 114) acreditam que “há avanços no que se refere à acessibilidade e participação social, visto o maior protagonismo destas pessoas sobre suas vidas em diversos âmbitos de atuação no espaço público e privado”. Segundo Siqueira, Dornelles e Assunção (2020), a deficiência não está nos corpos e nas mentes das pessoas, mas nas barreiras onde elas se relacionam.

As pessoas, os grupos e as diferentes instituições são atravessadas por valores que reiteram a discriminação materializada nos ambientes por meio das barreiras, atitudes e práticas que discriminam. A relação de desigualdade vem dessa interação. Desta forma, uma pessoa com impedimentos pode não experimentar uma situação de discriminação ou desigualdade se a sociedade não impuser barreiras à sua plena fruição de direitos. (SIQUEIRA; DORNELLES; ASSUNÇÃO, 2020, p. 147)

Para além do reconhecimento dessas barreiras, é necessário olhar a deficiência por cima dos rótulos atribuídos nos contextos sociais em que elas estão inseridas. Cabe a reflexão sobre o que se revela e se oculta à deficiência, como também, a dificuldade em lidar com as limitações, sentimentos e a rejeição de seus perfis humanos diferentes (CARVALHO, 2007, p. 40).

A mídia pode contribuir para essa mudança de perspectiva à medida que pauta discussões e novidades, servindo como espelho dos fatos sociais. Para Vivarta (2003, p. 38) cabe aos profissionais de comunicação “contribuir para a atualização da sociedade, ao difundir, com a maior agilidade possível, novos conceitos, que, quase sempre, vêm associados a novas práticas”. A imagem mais comum apresentada pela imprensa é a de que pessoas com deficiência são “coitadinhas, merecedoras de piedade e de ajuda material”.

Sendo assim, a comunidade midiática deve se dedicar a transformar a mentalidade dos leitores, revisando os termos e conceitos utilizados. Como defende Vivarta (2003, p. 38): “É fundamental que o jornalista procure se inteirar sobre estas mudanças de uso e de significado das palavras, lendo publicações especializadas ou participando de eventos específicos”. Outro aspecto importante citado por ele na cobertura sobre o tema da deficiência é a diversificação dos caminhos da pauta, ao trazer temas e vozes que fogem do que normalmente é retratado.

Os temas relacionados ao universo das pessoas com deficiência mantêm uma conexão muito clara com a vida cotidiana e interessam diretamente a uma grande parte da população. Deveriam merecer uma atenção diária e não apenas extraordinária. No esforço para se atingir uma boa cobertura, seria, ainda, desejável que a imprensa ampliasse o leque de fontes ouvidas, dando visibilidade a múltiplos

pontos de vista, capazes de contribuir para o processo de inserção das pessoas com deficiência. (VIVARTA, 2003, p. 38-39)

Os meios de comunicação midiáticos ainda reproduzem e alimentam muitos dos estereótipos e superstições enraizados na cultura (SILVEIRA, 2013). Além disso, a autora constata que a mídia prega um discurso conformista em relação à pessoa com deficiência, quando na verdade, deveria colaborar para o processo de educação da sociedade e de qualificação do discurso. Na visão de Silveira (2013, p. 45), os profissionais de comunicação precisam adotar uma postura mais crítica e ativa “divulgando conceitos atualizados e indagando, em fase das declarações das fontes, se tais visões são compatíveis com a legislação brasileira ou com os tratados internacionais sobre os direitos humanos”.

Também é comum que os meios de comunicação recorram a uma abordagem inspiracional sobre a condição da deficiência, os apresentando como “exemplos de superação”. Para Siqueira, Dornelles e Assunção (2020) essa representação reforça atitudes capacitistas e dificulta a implementação de um modelo social inclusivo que valorize a diversidade.

Isso também se caracteriza como uma atitude capacitista, pois não é porque temos uma deficiência que temos que falar apenas sobre isso ou nos apresentar como a superação. Ao reproduzir esse sensacionalismo os meios de comunicação apresentam a pessoa com deficiência diferente das demais. Trazem a conotação de que, se é possível para ela, os outros também conseguem, generalizando [...]. Nossas vidas não deveriam servir de exemplo para pessoas sem deficiência, muito menos para as com. Porque cada pessoa é única e vive de maneira diferente, seja ela com ou sem deficiência. (SIQUEIRA; DORNELLES; ASSUNÇÃO, 2020, p. 152)

Ademais, os autores salientam que a mídia possui um papel relevante na denúncia de situações que reforçam as barreiras impostas às pessoas com deficiência, podendo auxiliar tanto na eliminação de obstáculos, quanto no cumprimento das normas e legislações. Como forma de abordar esses conceitos de forma correta, a autora consultou guias de comunicação sobre deficiência.

O Guia de Acessibilidade na Comunicação (FIOCRUZ, 2022) dá dicas sobre como chamar as pessoas com deficiência e informações sobre como garantir a acessibilidade em reuniões, eventos e documentos escritos/digitais. Já o Guia de Comunicação Inclusiva sobre Pessoas com Deficiência (TALENTO INCLUIR, 2022) fornece orientações sobre as terminologias, expressões e tratamentos mais adequados, bem como, recomendações sobre o uso de imagens. O documento é destinado a jornalistas, publicitários, fotógrafos, produtores de conteúdo e equipes de comunicação e marketing.

Por fim, para a construção do livro-reportagem também foram utilizadas como base

de pesquisa matérias jornalísticas, citadas nas referências deste trabalho. Além de oferecer informações adicionais, como curiosidades, elas ajudaram na busca por dados. Como fontes documentais, usei matérias de portais, como a BBC News e a Nonada Jornalismo.

4.2.3 Ilustração e Diagramação

Assim como o conteúdo escrito, o visual também é importante na criação do produto. O projeto gráfico de um livro contribui para a construção do conceito da obra, ao transmitir informações que vão além da linguagem verbal, tendo, portanto, que dialogar com a temática retratada. “A relação entre forma e conteúdo revela a atuação especializada do design, uma vez que passa a operar em um universo de códigos e práticas próprias, nesse caso, vinculados a uma cultura bastante particular que configura a práxis jornalística” (GRUSZYNSKI et al., 2016, p. 106).

Em geral, a inserção de um personagem em uma reportagem pede por uma imagem, pois ela não só ilustra o relato, bem como, confere veracidade. Para narrar as histórias das pessoas com deficiência optou-se, porém, pela criação de ilustrações inspiradas nas fotografias dos personagens, que remetessem às características físicas e às relações deles com a arte. Além de dar mais ludicidade, a opção por ilustrações se deu pela possibilidade de abrir ao leitor um espaço para a imaginação, o que conversa bem com a própria ideia da arte, sujeita a diferentes interpretações.

A ideia de criar ilustrações ao invés de utilizar fotos das pessoas com deficiência também foi escolhida para evitar expô-las, conferindo certa privacidade às intimidades e vivências pessoais compartilhadas. Além disso, as ilustrações podem facilitar a identificação de leitores com deficiência, que por não atribuírem aquele relato a uma imagem específica, podem se enxergar nas experiências dos personagens.

Devido ao curto tempo de desenvolvimento do produto, decidi me dedicar exclusivamente ao conteúdo escrito e, assim, contratar o estudante de Design Gráfico Danilo Lins, para executar tanto as ilustrações, quanto a diagramação do livro-reportagem. A comunicação sobre as ideias e o acompanhamento do projeto foram feitos por meio da troca de mensagens e áudios no *WhatsApp*. Os rascunhos das ilustrações e parte do processo criativo encontram-se no apêndice deste trabalho. Todas as imagens são de autoria de Danilo Lins.

Desde o início, se pensava em fazer o projeto gráfico com uma identidade visual colorida, com manchas e formas que fizessem alusão à tinta, e conseqüentemente à arte. Mas

ao mesmo tempo, se pretendia criar um design minimalista, sem sobrecarga visual. Ao conversar com o ilustrador, optou-se por desenhos em preto e branco dos personagens no estilo de caricaturas com formatos lúdicos ao fundo, conversando com o desenho principal. Assim, atrás de cada desenho foi criada uma forma de cor diferente. A composição de desenhos, cores e formas realça a ideia da diversidade tão inerente às pessoas com deficiência. As ilustrações sempre antecedem as histórias dos personagens.

A capa, por sua vez, é composta por formas geométricas de cores diversas ao redor do desenho de um avião. Esses elementos fazem referência ao tema da acessibilidade cultural, sendo as formas metáforas para representar as pessoas com deficiência, e ao mesmo tempo, simbolizar a arte; e o avião fazendo alusão ao projeto urbanístico de Brasília, por ser o Distrito Federal o lugar onde as pessoas com deficiência experimentam a cultura.

5. O PRODUTO

A arte diversa de ser é um livro-reportagem produzido com base em relatos de pessoas com deficiência do Distrito Federal. A apuração e o desenvolvimento do trabalho, descritos abaixo, ganharam forma a partir dos conceitos e metodologias abordados previamente.

5.1 A apuração

A apuração teve início por meio do contato por telefone/*WhatsApp* com fontes que promoviam projetos voltados para a acessibilidade cultural, a exemplo do *Street Cadeirantes* e do Teatro dos Sentidos; e entidades da área cultural, como a Secretaria da Cultura, que pudessem conhecer pessoas com deficiência. Como o foco do livro era retratar a relação dessas pessoas com a arte, o ponto de partida foi a busca por esses personagens.

Em paralelo à marcação de entrevistas, foram realizadas pesquisas sobre as legislações existentes, artigos e reportagens que tratam do assunto. Afinal, segundo definição de Silva (2022, p. 28) “a apuração jornalística é um conjunto de práticas e procedimentos através dos quais o (a) jornalista realiza a captação e checagem de informações para compor a matéria jornalística”.

A forma mais abrangente ou mais restrita através da qual cada jornalista recorre às diferentes formas de captação de informações (contato com fontes e referências diversas, realização de entrevistas, pesquisa a documentos e dados, observação in loco) condiciona o conteúdo final produzido e as possibilidades de compreensão e interpretação por parte dos públicos. (SILVA, 2022, p. 28)

Com o objetivo de embasar e contextualizar o cenário da acessibilidade cultural da cidade foi feita, primeiro, uma entrevista com a responsável pelo fortalecimento da política cultural do Distrito Federal. Em seguida, conversas online foram marcadas com os personagens, à medida que eles iam aparecendo. O objetivo do bate-papo virtual era “ouvir a pessoa com deficiência, buscando compreender os conceitos sociais, as construções simbólicas e as relações ideológicas, desvelando os conflitos e as contradições existentes na realidade social, na vida prática, ou seja, no cotidiano em que estão imersos” (CARVALHO, 2007, p. 41).

As entrevistas foram não presenciais em razão da dificuldade de marcar um encontro com os personagens. Mas o primeiro contato ter sido através de uma tela, ao invés de pessoalmente, me ajudou a conhecê-los melhor, uma vez que eles faziam parte de um universo desconhecido para mim até então. Sendo assim, essas conversas online serviram como uma preparação para os encontros presenciais em espaços culturais.

Tendo em vista que a intenção era avaliar de perto a experiência dessas pessoas com a cultura, visitas marcadas também foram realizadas, enriquecendo e complementando a apuração. Por já saber as histórias das pessoas com deficiência, esses encontros puderam ser melhor aproveitados e fluir de forma mais natural, sem a barreira que “um primeiro contato” poderia oferecer. Sobre a observação in loco, Silva (2022, p. 36) comenta:

A presença do (a) repórter no local dos acontecimentos ou na interação face a face com entrevistados permite captar descrições e detalhes que enriquecem a matéria, identificar contradições entre discursos e práticas, checar informações que só podem ser verificadas presencialmente, observar reações de entrevistados, descobrir novos enfoques ou novas pautas.

A finalidade principal do trabalho era dar voz a pessoas com deficiência e captar, por meio de suas falas, os sentimentos, os significados, vivências, representações e contradições envolvidas na experiência delas com o mundo e com os objetos artísticos.

Através dessa forma de perspectiva de valorização da essência humana provenientes das situações concretas de vida, é que se buscou, pela atitude de escuta e acolhida, compreender e interpretar os sentimentos, as imagens e representações que expressam conceitos e atitudes construídas e partilhadas socialmente. (CARVALHO, 2007, p. 39)

Para abordar esses personagens e acolher o que eles compartilhavam, a autora precisou se familiarizar com o universo da deficiência, a fim de evitar expressões preconceituosas e ter uma escuta mais empática, além de um olhar mais abrangente. Dessa forma, foi necessário primeiro entender o que significa ser e sentir-se pessoa com deficiência,

bem como, conhecer mais a fundo a experiência de conviver com essas pessoas (CARVALHO, 2007).

Após as entrevistas com os personagens, verificou-se a necessidade de conversar com mais especialistas e profissionais da área cultural para compreender melhor o problema da acessibilidade. Sendo assim, novas entrevistas online foram realizadas. Cabe ressaltar, que em razão do pouco tempo para a apuração e realização do trabalho, alguns especialistas responderam às questões enviadas no *WhatsApp* por meio de mensagens escritas ou áudios.

Ao mesmo tempo, especialistas que pudessem partilhar conceitos e conhecimentos sobre a questão da experiência estética foram procurados. Para chegar até eles, solicitei indicações de docentes por meio da Secretaria de Comunicação (Secom) da Universidade de Brasília (UnB). A princípio, busquei profissionais no Departamento de Artes. Mas ao perceber que a área de atuação deles não era voltada à estética, estudiosos especializados em filosofia da arte no Departamento de Filosofia se mostraram mais preparados para contribuir com o trabalho. Sendo assim, pedi o contato deles por meio da Secom, mais uma vez, ou os convidei para participar por meio das redes sociais pessoais encontradas.

Ao final, cada entrevista era transcrita e adicionada em documentos no Google Drive para facilitar a elaboração do texto posteriormente. Também foram elaborados questionários no *Google Forms*, baseados no modelo do *Guia de Acessibilidade Cultural da Cidade de São Paulo*, desenvolvido pela especialista em acessibilidade cultural, Viviane Sarraf entre 2012 e 2014. O objetivo era coletar informações sobre as condições de acessibilidade nos seis espaços culturais privados do Distrito Federal. Para a análise dos 16 espaços culturais públicos, foram utilizadas informações de um relatório desenvolvido por Viviane Sarraf, que foi contratada pela Secretaria de Cultura e Economia Criativa do DF para ajudar no fortalecimento da política cultural da cidade.

5.2 O livro-reportagem

O livro-reportagem *A arte diversa de ser* é um produto que tem como objetivo discorrer sobre a temática da experiência estética de pessoas com deficiência com a arte sob a ótica da acessibilidade cultural. A obra pretende dar um novo enfoque ao tema ao se centrar nas vivências práticas dessas pessoas, trazendo um olhar mais humanizado. Grande parte dos trabalhos que tratam do tema são acadêmicos e voltados para os conceitos, e não para as particularidades da percepção da arte pelas pessoas com deficiência. A escolha do suporte do

livro se mostrou como ideal para esse propósito por permitir uma apreensão mais profunda das informações, ou seja, um mergulho nos antecedentes dos personagens.

Um recurso de captação utilizado no livro reportagem são as histórias de vida. Trata-se de uma conversa espontânea, em que o jornalista permite que o entrevistado fale à vontade e com mais naturalidade, sem que seja, por muitas das vezes, interrompido. Dessa maneira, o entrevistado revela valores, conceitos, comportamentos e também intimidades, proporcionado, portanto, que as histórias sejam narradas com observações mais criteriosas. (PATROCÍNIO; MATIAZZI, 2021, p. 9)

Em relação ao uso da linguagem, a opção pelo jornalismo-literário se mostrou como fundamental para tornar a narrativa mais fluida e sensível, uma vez que ela pega emprestado técnicas da literatura para tornar o texto mais interessante, atraente, criativo e humanizado, mas sem deixar o compromisso com a apuração ética e rigorosa de lado (GUZZO; TEIXEIRA, 2008).

Como a intenção principal era contar as histórias das pessoas com deficiência, cogitou-se no primeiro momento fazer perfis jornalísticos desses personagens. Contudo, a falta de tempo para acompanhar mais a fundo a vida deles e trazer o detalhamento, assim como as referências que os perfis exigem, além da pouca familiaridade da autora com o gênero, tornaram essa possibilidade inviável. Dessa forma, recorreu-se ao gênero da grande reportagem, que se mostrou uma boa ferramenta visto que também permite a representação de um fato, pessoa e ambiente pelo ponto de vista do personagem.

O resultado é a riqueza de detalhes mediante ao compartilhamento das experiências vividas. Em suma, o livro-reportagem oportuniza que o jornalista realize uma entrevista mais aberta, dialogal, humanizada e, com essa postura, tenha uma aproximação maior com o entrevistado. Este coloca a sua vivência à mesa e o profissional de comunicação se deleita com o aprofundamento do relato. Sendo assim, a história de vida surge para resgatar a oralidade e demonstrar o potencial do personagem. (PATROCÍNIO; MATIAZZI, 2021, p. 10)

Para a construção narrativa, um esboço estrutural foi traçado, com os principais pontos a serem retratados: o cenário da acessibilidade cultural no DF, com as legislações existentes, projetos em curso, além dos espaços culturais da cidade; experiência estética das pessoas com deficiência com a arte, acompanhada dos conceitos e teorias que explicam essa relação; e as histórias desses personagens. A escolha desses assuntos foi pensando de forma a introduzir o leitor ao tema, tocando em todos os pontos necessários para o entendimento dele.

A princípio, a estrutura do livro foi pensada como na ordem acima, em razão de esse ter sido o encadeamento de ideais, ou seja, o tema da acessibilidade levava ao da experiência estética, que por sua vez desembocava nas histórias. Mas ao pensar na leitura do produto, me coloquei no lugar do leitor e percebi que, além de a ordem fugir do enfoque principal ao

iniciar com a temática “menos relevante”, ela também não era tão atrativa, nem prendia a atenção do público de imediato.

Sendo assim, a ordem dos assuntos abordados foi alterada, intercalando as histórias com as informações teóricas e conceituais. Ela ficou da seguinte forma: Apresentação do tema e dos personagens, história da Naiara, conceituação sobre experiência estética, história de Joaquim, história de Mariana, cenário da acessibilidade cultural no DF, história de Lúcio, espaços culturais, história de Wladimir, história de Vanuza e conclusão. Algumas histórias tiveram que ser inseridas em sequência por não terem conteúdos suficientes para isolá-las. Dentro das histórias dos personagens principais também foram inseridos trechos sobre outras pessoas com o mesmo tipo de deficiência, e que por isso, tinham algumas vivências em comum. O intuito era traçar paralelos e comparações entre elas, de forma a enriquecer os relatos.

A escolha pela ordem em que cada história aparece foi feita para casar as experiências das pessoas com deficiência com as informações complementares, ou seja, as partes informativas eram seguidas de um personagem que mais dialogava com o assunto abordado. Mas é importante salientar que nenhuma história se sobressai sobre a outra. Todas elas têm igual importância para o livro.

O discurso jornalístico possibilitou a comunicação da realidade do Distrito Federal e de pessoas com deficiência. Por essa capacidade de narrar algum acontecimento ou fato, Soares (2022, p. 91) enxerga o jornalismo como uma prática social: “Ao percorrer um trajeto, corremos ou andamos por ele, e ao redor dele. Nesse percurso, discorremos sobre algo, atravessando fronteiras, expondo um tema em seus diferentes vieses”. Apesar do cuidado com a veracidade das informações, seria ingênuo considerar que as informações no livro estão em “estado puro”, afinal, elas partem da subjetividade da narração da autora.

Se os fatos são sempre mediados, há sempre um hiato, uma lacuna, entre o acontecimento e seu relato jornalístico, entre a percepção e a apreensão daquilo que está acontecendo e, ao ser interpretado, já aconteceu, tornando-se, dessa forma, a reconstrução sempre fragmentária – mas a única possível – da realidade. (SOARES, 2022, p. 96)

O relato jornalístico de cada parte do livro se concentrou nos vários aspectos relacionados ao tema. A abertura conta com uma introdução sobre o tema, uma breve descrição de apresentação sobre as pessoas com deficiência, seguida da primeira história, a da personagem Naiara. A ideia de iniciar com uma história veio da intenção de prender o interesse do leitor logo no primeiro momento, dando destaque para o assunto principal. Na sequência, um capítulo explica as conceituações e noções sobre a experiência estética com

base em entrevistas com especialistas, artigos e livros, de forma a esclarecer o objeto de estudo da obra.

Após o leitor compreender o que é experiência estética, mais duas histórias são contadas, a do personagem Joaquim e da Mariana. O próximo capítulo insere o leitor no contexto da acessibilidade cultural do Distrito Federal, trazendo dados, as políticas acessíveis e os projetos que estão sendo implementados. O propósito é mostrar o panorama da cidade com relação ao tema por ser o ambiente onde os personagens vivem e partilham experiências. A seguir, é contada a história de mais um personagem, o Lúcio, e depois, um capítulo é dedicado aos espaços culturais, trazendo a relação deles com o tema e uma análise sobre as condições e recursos de acessibilidade oferecidos nos 22 espaços públicos e privados do Distrito Federal.

Adiante, mais duas histórias são narradas, as dos personagens Wladimir e Vanuza. Para o desfecho do livro, um capítulo de conclusão traz uma reflexão sobre a questão da experiência das pessoas com deficiência, por meio das perspectivas pessoais da autora, como uma forma de estabelecer um canal com o leitor. É nesse momento que a autora dá um feedback sobre os aprendizados e descobertas adquiridas por meio da construção da obra e da aproximação com uma realidade diferente da que ela está acostumada.

Sobre as histórias, cabe enfatizar que, após a “biografia” de cada personagem, é feito um relato sobre a visita a um espaço cultural do DF, que se preocupa em captar os detalhes e transportar o leitor para o ambiente narrado. Grande parte do livro é escrito em terceira pessoa, salvo os trechos que descrevem as visitas e o capítulo final. Eles recorrem ao uso da primeira pessoa para realçar as impressões e pontos de vista da autora. Logo, a voz autoral ganha vida, característica típica do jornalista literário que não tem um espaço de fala “mudo” e “neutro”, como no jornalismo convencional.

Somos capazes de visualizar os próprios jornalistas literários inseridos no contexto dos seus artigos porque também eles são tema dos mesmos, além de que nos torna possível conhecê-los melhor. Logo, estabelecemos laços mais pessoais com o jornalista literário e, dessa feita, o vínculo autor/leitor sai reforçado. (SOARES, 2021, p. 69)

A narração, tanto em primeira quanto em terceira pessoa, pretende tornar a narrativa mais interessante, uma vez que a mescla de vozes implica em formas distintas de assimilação da mensagem. Assim, os leitores podem visualizar as histórias sob dois ângulos diferentes, um mais distante (3ª pessoa) e outro mais próximo (1ª pessoa).

Apesar de o livro-reportagem tratar de inclusão e acessibilidade, infelizmente não foi possível torná-lo acessível a todos, isto é, ter tradução em libras ou adaptar o conteúdo para

um audiolivro, visto que faltavam recursos e disponibilidade de tempo. Contudo, a intenção é fazer com que, em um futuro próximo, o produto tenha um formato acessível.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente memorial explicou o processo de produção, apuração, escrita e construção do livro *A arte diversa de ser – Seis histórias de pessoas com deficiência sobre a experiência com a cultura no Distrito Federal*. Para a análise e embasamento do tema, o cenário da acessibilidade cultural no Distrito Federal, além dos conceitos relacionados à experiência estética, foram abordados. Também foram resgatados dados e informações em artigos, livros acadêmicos, obras da literatura e do cinema. E, principalmente, foi realizada uma pesquisa de campo, por meio das entrevistas virtuais e presenciais com as pessoas com deficiência e especialistas da área cultural.

Com base nos estudos e apurações, é possível concluir que o debate sobre a acessibilidade cultural ainda não tem tanto espaço na sociedade, sendo necessário, portanto, que ele seja ampliado e ganhe mais visibilidade. Além disso, é importante reconhecer os desafios enfrentados pelas pessoas com deficiência, bem como, as necessidades que elas possuem para que a cultura possa ser usufruída por todos. Os produtos culturais em formatos acessíveis não beneficiam apenas as pessoas com deficiência, mas todos, uma vez que podem proporcionar experiências sensoriais mais ricas, que fogem do convencional.

É importante, acima de tudo, que as pessoas com deficiência tenham voz na sociedade, que suas histórias sejam ouvidas, e que elas estejam presentes no setor cultural para orientar e fornecer os conhecimentos para a implementação de iniciativas inclusivas. Embora ainda seja necessário que o Distrito Federal avance no que diz respeito à aplicação prática da acessibilidade cultural, mudanças já estão em curso, em especial, nas políticas culturais, o que coloca a capital à frente de outros estados do país.

A conclusão principal a que se chegou por meio deste trabalho, por sua vez, é a de que as experiências são diversas e provocam mais do que uma discussão estética, mas também um debate político e social, ao depender dos contextos, significados e das oportunidades oferecidas pelo meio social onde vivem. Dessa forma, o trabalho realizado se torna uma ferramenta social para a promoção da acessibilidade cultural e, principalmente, para a luta contra o preconceito, ao lançar holofotes nas perspectivas pessoais das pessoas com deficiência. O objetivo da obra é sensibilizar a opinião pública sobre o tema e mobilizar a sociedade a buscar ações efetivas de inserção das pessoas com deficiência à cultura.

O recorte feito, no entanto, ainda é pequeno se comparado à amplitude do tema, pois envolve diversos aspectos que podem ser explorados em outros trabalhos. Ademais, seria interessante que mais histórias fossem ouvidas, de forma a aprofundar a diversidade de experiências. Devido à falta de tempo para a execução do projeto, a quantidade de pessoas com deficiência retratadas se restringiu a seis. Em *A arte diversa de ser*, o panorama analisado foi a do Distrito Federal, logo outros trabalhos podem ser feitos para investigar o cenário da acessibilidade cultural em outras localidades, e assim, amplificar a análise.

Apesar de as pessoas com deficiência terem sido as protagonistas deste produto, outros atores também podem contribuir para enriquecer esse debate, como artistas, políticos, gestores culturais e educadores de arte. Espero que o trabalho possa servir de inspiração para outros projetos similares e inspirar transformações, não só nas percepções da sociedade, assim como nas ações executadas em prol de uma realidade em que todos, sem restrições, possam usufruir a arte em suas diversas formas.

7. REFERÊNCIAS

Acessibilidade cultural: uma longa jornada. Nonada Jornalismo, 7 de março de 2016. Disponível em: <https://www.nonada.com.br/2016/03/acessibilidade-cultural-uma-longa-jornada/>. Acesso em 31 jan. 2023.

A COR DO PARAÍSO. Direção: Majid Majidi. Produção de Varahonar Company. Irã: Sony Pictures, 1999. DVD.

BENJAMIN, Walter. A Obra de Arte na Época de Sua Reprodutibilidade Técnica. In: Luiz. C. L., **Teoria da Cultura de Massa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 209-240.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais.** Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, Santa Catarina, v. 2, n.1, p. 68-80, 2005. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/288882472_Aprendendo_a_entrevistar_Como_fazer_entrevistas_em_Ciencias_Sociais. Acesso em: 4 jul. 2022.

BORGES, Jorge Luis. **Funes, O Memorioso.** Ficções. 1ª ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2007.

BRASÍLIA. Decreto n.º 43.811, de 5 de outubro de 2022. Política Cultural de Acessibilidade. Diário Oficial do Governo do Distrito Federal. Brasília, DF, n. 189, p. 3. 6 dez. 2022. Seção 1, pt. 1.

BRASÍLIA. Lei Complementar n.º 934, de 7 de dezembro de 2017. Lei Orgânica da Cultura. Diário Oficial do Governo do Distrito Federal. Brasília, DF, n. 234, p. 1, 8 dez. 2017. Seção 1, pt. 1.

BRASIL. Lei n.º 13.146, de 6 de julho de 2015. Estatuto da Pessoa com Deficiência. Diário Oficial da União. Brasília, DF, n. 127, p. 2, 7 jul. 2015. Seção 1, pt. 1.

BRUM, Eliane. **O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real.** 1 ed. São Paulo: Globo, 2008.

- CAPUTO, Stela. **Sobre entrevistas: teoria, prática e experiências**. Petrópolis, Vozes, 2006.
- CARDOSO, Eduardo; CUTY, Jennifer (org.). **Acessibilidade em ambientes culturais**. Porto Alegre: Marca Visual, 2012.
- CARDOSO, Eduardo; DA SILVA, Tânia Luisa Koltermann; ZARDO, Kemi Oshiro. Design para experiência multissensorial em museus. **Revista da FAEEBA**; Salvador, v. 26, n. 50, p. 135-158, set./dez., 2017. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/faceba/article/view/4268>. Acesso em: 20 de fev. 2022.
- CARVALHO, Sandra Maria Cordeiro Rocha. **Representação Social da Pessoa com Deficiência frente à exclusão/inclusão**. Orientador: Profa. Dra. Edineide Jezine. 2007, 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/4876?locale=pt_BR. Acesso em 31 jan. 2023.
- COHEN, Regina; DUARTE, Cristiane. Subsídios metodológicos na construção de uma “acessibilidade plena”: a produção da identidade e da subjetividade de pessoas com deficiência. In. **Revista Benjamin Constant**. 2003. Disponível em: <http://revista.ibr.gov.br/index.php/BC/article/view/380>. Acesso em: 15 de mar. 2022.
- COMO ESTRELAS NA TERRA. Direção: Aamir Khan e Amole Gupte. Produção de Aamir Khan Productions. Índia: PVR Pictures, 1997. DVD.
- CORREIA, Fábio Caires. Obra de arte e objeto estético em Mikel Dufrenne. **Revista Arte e Filosofia**, Programa de Pós-Graduação em Estética e Filosofia da Arte da UFOP, Ouro Preto, v. 12, nº 22, p. 142 - 153, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/raf/article/view/848>. Acesso em: 4 de dez. 2022.
- DEWEY, John. **Arte como Experiência**. Traduzido para o português por Vera Ribeiro. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010. Texto original publicado em 1950.
- DORNELES, Patrícia Silva; DE CARVALHO, Claudia Reinoso Araújo; MEFANO, Vânia. **Breve histórico da acessibilidade nas políticas culturais no Brasil**. Salvador: **Anais do XV ENECULT**, 2019. Disponível em: <http://www.xvenecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-484/111698.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2022.
- DUARTE, Cristiane Rose de Siqueira; COHEN, Regina. Subsídios metodológicos na construção de uma “acessibilidade plena”: a produção da identidade e da subjetividade de pessoas com deficiência. In.: **Revista Benjamin Constant**. 2003. Disponível em: <http://revista.ibr.gov.br/index.php/BC/article/view/380>. Acesso em: 20 de fev. 2022
- DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge & BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2008.
- DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 24, p. 2013-225, 2004. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/2216/1859> . Acesso em: 4 jul. 2022.
- FIGURELLI, Roberto. Hans Robert Jauss e a estética da recepção. **Revista Letras**, Curitiba (37), p. 265-285, 1988. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19243>. Acesso em: 26 de nov. de 2020.
- FORREST GUMP. Direção: Robert Zemeckis. Produção de The Tisch Company. Estados Unidos: Paramount Pictures, 1994. DVD
- FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Guia de acessibilidade na comunicação: Acessibilidade na comunicação para atenção integral à saúde das pessoas com deficiência**. Guia em formatos digital e impresso. Rio de Janeiro: Fiocruz. 2022. 7 p. Contém 1 arquivo mp4 (14min e 01s), son,

col.<<https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/53473/Guia%20de%20Acessibilidade.pdf?sequence=15&isAllowed=y>>. Acesso em: 23 janeiro 2023

GARCIA, Roseli Behaker. **A percepção de esculturas por três pessoas cegas**. 2011. Disponível em: <http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/1840>. Acesso em: 28 set. 2015.

GASTALDO, Rossano Machado. **Centros culturais enquanto bens econômicos: uma análise sob a óticas das falhas de mercado**. Orientador: Prof. Dr. Stefano Florissi. 2010, 56 f. TCC (Graduação) - Curso de Economia, Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/25427>. Acesso em 4 dez. 2022.

GIL, Carlos Antônio. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ª. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2002.

GRANADO, António. **O texto - elemento âncora da reportagem**. In: COELHO, Pedro; REIS, Ana Isabel; BONIXE, Luís (org.). **Manual de reportagem**. Covilhã: LaBCom Comunicação & Artes, 2021.

GRUNSZYNSKI, Ana; DAMASCENO, Patrícia Lopes; BANDEIRA, Ana da Rosa; SANSEVERINO, Gabriela. **Estratégias de Pesquisa em Design Editorial e Jornalismo**. Belo Horizonte: **12º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design**, 2016. Disponível em: <https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/estrategias-de-pesquisa-em-design-editorial-e-jornalismo-24245>. Acesso em: 31 jan. 2023.

GUZZO, Morgani; TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. **Livro Reportagem: A fuga do superficial como categoria do Jornalismo Literário**. Guarapuava: **Anais do IX Intercom**, 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2008/resumos/r10-0142-1.pdf>. Acesso em: 15 de mar. 2022.

IPEDF - Instituto de Pesquisa e Estatística do Distrito Federal. **Retratos sociais 2021: Pessoas com deficiência**. Brasília, DF: IPEDF, 2022. Disponível em: <https://www.ipe.df.gov.br/wp-content/uploads/2022/11/RETRATOS-SOCIAIS-PCD-SUMARIO.pdf> . Acesso em: 13 de nov. 2022.

JUNIOR, Rone Fabio Carvalho; DA SILVA, Maria Sueli Ribeiro. **Livro-reportagem: a relação entre o jornalismo e a literatura**. Belém: **Intercom**, 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1023-1.pdf>. Acesso em: 15 de mar. 2022.

KASTRUP, Virgínia. Experiência estética para uma aprendizagem inventiva: notas sobre a acessibilidade de pessoas cegas a museus. **Informática na Educação: teoria & prática**. Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 38-45, 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/InfEducTeoriaPratica/article/view/12463>, Acesso em: 31 jan. 2023.

KASTRUP, Virgínia. A atenção na experiência estética: cognição, arte e produção de subjetividade. **Revista Trama Interdisciplinar**. v. 3, n.1, p. 23 - 33, 2012. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/5000>. Acesso em: 31 jan. 2023.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica de reportagem, entrevista e pesquisa jornalística**. 12ª edição. São Paulo: Record, 2011.

LUGÃO, Jornalismo literário: a literatura do fato. **Revista Intratextos**. Rio de Janeiro, v. 4, n.1, p. 53-70, 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intratextos/article/view/1840>. Acesso em 31 jan. 2023.

LUIZ, Karla Garcia; SILVEIRA, Thaís Becker Henrique. **PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E (INTER)DEPENDÊNCIA: uma perspectiva da ética do cuidado para a promoção da justiça social**. In: GESSER, Marivete; BOCK, Geisa Leticia Kempfer; LOPES, Paula Helena (org.).

Estudos da deficiência: anticapacitismo e emancipação social. Curitiba: Editora CRV, 2020, p. 113-128.

MARCHESAN, Andressa; CARPANEDO, Rejane Fiepke. Capacitismo: Entre a designação e a significação da pessoa com deficiência. **Revista Trama**. v. 17, n. 40, p. 56-66, 2021. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/26199>. Acesso em 31 jan. 2023.

MARQUEZ, William. **Como Beethoven ficou surdo (e ainda sim criou algumas das melhores obras da história da música)**. BBC News, 13 de dezembro de 2020. Mundo. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55297170#:~:text=O%20trauma%20da%20surdez&text=%C3%89%20um%20documento%20endere%C3%A7ado%20a,isso%20explicava%20seu%20comportamento%20err%C3%A1tico>. Acesso em 31 jan. 2023.

MARTINEZ, Monica. **Jornalismo Literário: a realidade de forma autoral e humanizada.** Estudos em Jornalismo e Mídia, n. 1, p. 71 - 83, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2009v6n1p71>. Acesso em: 15 mar. 2022.

MARTINEZ, Monica. Jornalismo Literário: revisão conceitual, história e novas perspectivas. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 40, n.3, p. 21-36, 2017. Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/2798>. Acesso em: 31 jan. 2023.

MARTINS, Patrícia Isabel de Sousa Roque. **Museus (in)capacitantes: Deficiência, Acessibilidades e Inclusão em Museus de Arte Volume I.** Orientador: Fernando Antônio Baptista Pereira. 2014. 398 f. Tese (Doutorado em Belas-Artes) - Curso de Ciências da Arte, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/15959>. Acesso em: 14 de mar. 2022.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: O diálogo possível.** 1 ed. São Paulo: Editora Ática, 2011.

MILHORIM, Thaís Kristine; TELLES, Thabata Castelo Branco. A percepção estética na fenomenologia de Dufrenne: contribuições possíveis para a psicologia. **Psicologia em Estudo**, v. 23, p. 137-146, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/39000>. Acesso em: 1 de maio. 2018.

MONTEIRO, Ana Carolina da Silva. Jornalismo e literatura: em pauta a razão, a emoção e a responsabilidade. **Revista Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura**. Mato Grosso do Sul, v.1, n.4, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/341>. Acesso em: 31 jan. 2023.

NUNES, Larissa Soares et al. **A análise da narrativa como instrumento para pesquisas qualitativas.** Revista Ciências Exatas, São Paulo, vol. 23, nº 1, p. 9-17, 2017. Disponível em: <http://periodicos.unitau.br/ojs/index.php/exatas/article/view/2547>. Acesso em: 09 de abr. 2022

OLIVEIRA, João Vicente Ganzarolli. Sobre a experiência estética de pessoas portadoras de deficiência: uma abordagem semi-aristotélica. **Revista Benjamin Constant**, Departamento de História e Teoria da Arte da Escola de Belas Artes da UFRJ, Rio de Janeiro, n. 10, p. 1-5, 1998. Disponível em: <http://revista.ibc.gov.br/index.php/BC/article/view/627>. Acesso em: 4 de dez. 2022.

OLIVEIRA, João Vicente Ganzarolli. Arte e visualidade: a questão da cegueira. **Revista Benjamin Constant**, Departamento de História e Teoria da Arte da Escola de Belas Artes da UFRJ, Rio de Janeiro, n. 11, p. 1-7, 2017. Disponível em: <http://revista.ibc.gov.br/index.php/BC/article/view/627>. Acesso em: 4 de dez. 2022.

O SOM DO SILÊNCIO. Direção: Darius Marder. Produção de Caviar, Ward Four e Flat 7 Productions. Estados Unidos: Amazon Studios, 2019. Streaming.

PATROCÍNIO, Lara Mireny Freitas; MATIAZZI, Valmir. **As particularidades do livro-reportagem no campo jornalístico**. Vitória: XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação da Intercom, 2021.

PENA, Felipe. **O jornalismo literário como gênero e conceito**. Anais do Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2006. Disponível em: http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/7731125638559101947920017565822_2289602.pdf. Acesso em: 14 jan. 2023.

PIMENTEL, Susana Couto; PIMENTEL, Mariana Couto. Acessibilidade para inclusão da pessoa com deficiência: sobre o que estamos falando?. **Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade**. Salvador, 2017, v. 26, n.50, p. 91-103. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-70432017000300091&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 31 jan. 2023.

REGINATO, Giseli; DIAS, Marlon. Perfil jornalístico: histórias de vida e a busca da alteridade. In: DIAS, Marlon; BRESSAN, Olívia; BORELLI, Viviane. **Jornalismo Literário: Itinerários possíveis**. Volume 1. Santa Maria, RS: FACOS-UFSM, 2020.

ROCHA, Paula Melani; XAVIER, Cintia. O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico. **RuMoRes**, v. 7, n. 14, p. 138-157, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/69434>. Acesso em: 15 mar. 2022.

RUEDA, Carlos Velásquez; FERREIRA, José Krishnamurti Costa. A experiência artística como fundamento no processo de individuação. **Revista de Humanidades**. Fortaleza, v. 30, n. 1, p. 32-50, 2016. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/rh/article/view/4747>. Acesso em: 31 jan. 2023.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, María del Pilar Baptista. **Metodologia de Pesquisa**. 5ª. México: Penso, 2013.

SARRAF, Viviane. **Acessibilidade em espaços culturais: Mediação e Comunicação Sensorial**. 1ª ed. São Paulo: EDUC, 2014.

SARRAF, Viviane Panelli. **A comunicação dos sentidos nos espaços culturais brasileiros: estratégias de mediações e acessibilidade para pessoas com suas diferenças**. 251 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Curso de Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/4518>. Acesso em: 20 de fev. 2022.

SARRAF, Viviane. **Produto 2: Mapeamento de Acessibilidade dos Espaços Culturais administrados pela SECEC-DF**. Brasília, DF: Secretaria de Estado de Cultura e Economia do Distrito Federal, 2022.

SCHAFER, Murray. **A afinação do mundo**. 1ª ed. São Paulo: Editora da Unesp, 1977.

SEGANFREDO, Thaís. **Direito à arte: as trilhas e obstáculos das políticas da acessibilidade cultural no Brasil**. Nonada Jornalismo, 8 de abril de 2019. Disponível em: <https://www.nonada.com.br/2019/04/direito-a-arte-as-trilhas-e-obstaculos-das-politicas-de-acessibilidade-cultural/>. Acesso em 31 jan. 2023.

SILVA, Fernanda Caroline Jennen. **Acessibilidade Cultural: Uma leitura sobre experiência e plenitude**. Orientador: Joana Rodrigues. 2015. 43 f. TCC (Graduação) - Curso de gestão de projetos culturais e eventos, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: http://celacc.eca.usp.br/pt-br/tcc_celacc/acessibilidade-cultural-leitura-sobre-experiencia-plenitude. Acesso em: 20 fev. 2022.

SILVA, Fernando Lopes; COSTA, Daniel Padilha Pacheco. **O Conceito de “Livro-reportagem”**: Subsistema jornalístico e suporte editorial. Belo Horizonte: Ecomig, 2017. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/323613380_O_conceito_de_livro-reportagem_Subsistema_jornalístico_e_suporte_editorial#:~:text=RESUMO%20%20termo%20%22livro%2Dreportagem,na%20renova%C3%A7%C3%A3o%20da%20pr%C3%A1tica%20jornal%C3%ADstica. Acesso em: 15 de mar. 2022.

SILVA, Terezinha. Os atos de escolha na apuração jornalística. In: SILVA, Gislene; VOGEL, Daisi; SILVA, Terezinha (org.). **Apuração, redação e edição jornalística**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2022, p. 28-38.

SILVEIRA, Amanda Braga. **Estigma e Preconceito contra as pessoas com deficiência: A mídia e a comunicação organizacional enquanto permeadoras dos processos sociais**. Orientador: Profª. Ana Cristina Cypriano. 2013. 60 f. Dissertação (Bacharel em Relações Públicas) - Curso de Comunicação Social, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/77983>. Acesso em 31 jan. 2023.

SIQUEIRA, Denise; DORNELLES, Tarso Germany; ASSUNÇÃO, Sabrina Mangrich. EXPERIENCIANDO CAPACITISMO: a vivência de três pessoas com deficiência. In: GESSER, Marivete; BOCK, Geisa Letícia Kempfer; LOPES, Paula Helena (org.). **Estudos da deficiência: anticapacitismo e emancipação social**. Curitiba: Editora CRV, 2020, p. 145-161.

SOARES, Isabel. **A reportagem e o jornalismo literário ou a reportagem como jornalismo literário**. In: COELHO, Pedro; REIS, Ana Isabel; BONIXE, Luís (org.). **Manual de reportagem**. Covilhã: LaBCom Comunicação & Artes, 2021.

SOARES, Rosana de Lima. Texto jornalístico como discurso. In: SILVA, Gislene; VOGEL, Daisi; SILVA, Terezinha (org.). **Apuração, redação e edição jornalística**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2022, p. 28-38.

SUZUKI, Amanda Midori da Costa. Acessibilidade e mediação cultural: uma reflexão e aproximação entre concepções. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, Porto, v. 14, n. 4, p. 147 - 172, out./ dez. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5965/1984317814042018147> . Acesso em: 20 fev. 2022.

TALENTO INCLUIR. **Guia de comunicação inclusiva sobre pessoas com deficiência**. Guia em formatos digital e impresso. São Paulo: Talento Incluir. 2022, 39 p. <<https://conteudo.talentoincluir.com.br/guia-de-comunicacao>>. Acesso em: 23 janeiro 2023.

TEZZA, Cristovão. **O filho eterno**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

TOMAZ, Marina Vargas. **Além da visão: mediações na experiência estética**. Orientador: Prof. Dra. Luciana Mourão. 2016. 136 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Instituto de Artes, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/19761>. Acesso em: 30 jan. 2023.

VELÁZQUEZ, Carlos; FERREIRA, José Krishnamurti. A experiência artística como fundamento no processo de individuação. **Revista de Humanidades**, Fortaleza, v. 30, n. 1, p. 32-50, jan./jun., 2015. Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/rh/article/view/4747#:~:text=Deduzimos%20nestas%20bases%20o%20conceito,direcionados%20em%20um%20processo%20criativo>. Acesso em: 24 de mar. 2022.

VIGATA, Helena Santiago. **A experiência artística das pessoas com deficiência visual em museus, teatros e cinemas: uma análise pragmaticista**. Orientador: Pedro Russi. 2016. 315 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Curso de Comunicação, Faculdade de Comunicação,

Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/20397>. Acesso em: 20 de fev. 2022

VIVARTA, V. (Org.). **Mídia e deficiência**. Brasília: Fundação Banco do Brasil, 2003. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/eduprado/midia-e-deficiencia>>. Acesso em: 23 janeiro 2023.

ZAMARO, Lígia Helena Ferreira. **Mediação acessível: por uma experiência estética na deficiência**. 2019. Dissertação (Mestrado em Teoria, Ensino e Aprendizagem) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27160/tde-26122019-122950>. Acesso em: 15 de mar. 2022.

ZAMIN, Angela; SCHWAAB, Reges (org.). **Tópicos em jornalismo: redação e reportagem**. Volume 3. Florianópolis: Editora Insular, 2021.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Cronograma

Pré-projeto: de janeiro a maio de 2022
Apuração e pesquisa: outubro e novembro de 2022
Ilustração do livro: janeiro de 2022
Escrita do livro: novembro e dezembro de 2022
Produção do memorial: janeiro de 2023
Diagramação: janeiro de 2023
Impressão da primeira versão do livro: fevereiro de 2023
Apresentação do trabalho de conclusão de curso: fevereiro de 2023
Previsão de publicação do livro: junho de 2023

APÊNDICE B - Roteiro das entrevistas com as pessoas com deficiência

- I. Me conta um pouco sobre a sua história de vida. Você já nasceu com deficiência visual/auditiva/física/intelectual/múltipla? Sente que por não poder enxergar/escutar, você acabou desenvolvendo mais outros sentidos?
- II. Como você se definiria? Me fala sobre as características da sua personalidade, gostos e valores, hobbies preferidos... Tudo que possa me ajudar a te conhecer melhor.
- III. Quais são os principais desafios que você enfrenta por ser uma pessoa com deficiência?
- IV. Uma das principais questões que se discute é que a deficiência não é uma limitação, mas uma forma diferente de experimentar os estímulos ao redor. Você sente que a deficiência te proporciona uma outra forma de ser e estar no mundo?
- V. Como foi o processo de adaptação à deficiência?
- VI. Qual é a sua relação com a arte? Você gosta de música/ teatro/ cinema?
- VII. Qual é o papel da arte na sua vida? De que forma você a experimenta?
- VIII. O que você sente quando tem contato com essas formas artísticas?
- IX. Costuma frequentar os espaços culturais da cidade? Como quais? Quando você vai a esses lugares costuma ir sozinho ou acompanhado?
- X. Me conta um pouco sobre as suas experiências. Já foi a algum lugar que não era acessível? Como você se sentiu quando visitou esse espaço? Ficou envergonhado e com raiva?
- XI. Acredita que os espaços culturais precisam ser mais acessíveis? O que você pensa sobre isso?
- XII. Quais são os seus maiores sonhos? O que ainda pretende alcançar?

APÊNDICE C - Tabelas Espaços Culturais do DF

Com base em um questionário aplicado e nas visitas técnicas realizadas por Viviane Sarraf, foram criadas tabelas que analisam as condições e recursos de acessibilidade oferecidos em 22 espaços culturais conhecidos no Distrito Federal.

1. Museu do Catetinho

Acessibilidade física	Acessibilidade comunicacional	Experiência acessível	Acesso à informação	Acessibilidade atitudinal
<p>Estacionamento com vagas reservadas;</p> <p>Passarelas amplas e rampas com inclinação adequada;</p> <p>Corredores e portas internas não permitem passagem com cadeira de rodas;</p> <p>Possui banheiro acessível, mas precisa de adequações;</p> <p>Não há sinalização de piso e mapa tátil;</p> <p>Não há cadeiras de rodas disponíveis para visitantes;</p>	<p>Boa parte dos textos da exposição não estão com fundo, contraste e tamanho adequados;</p> <p>Não há textos e legendas em Braille, em linguagem simplificada, nem caracteres ampliados;</p> <p>Não há audiodescrição;</p> <p>Não há mediação em Libras</p>	<p>Há recursos visuais;</p> <p>Não há réplicas táteis, nem recursos auditivos, olfativos e de apelo ao paladar;</p>	<p>Não há nenhum tipo de material impresso ou digital acessível sobre o museu;</p> <p>As redes sociais não possuem audiodescrição de imagens e textos, linguagem simplificada, nem vídeos com legendas ou em Libras;</p> <p>As informações sobre a acessibilidade do museu não estão explícitas nos canais e materiais de comunicação.</p>	<p>Não há comunicadores e mediadores que se comunicam em Libras e realizem audiodescrição e visitas com metodologias adequadas a pessoas com deficiência intelectual;</p> <p>Não há colaboradores com deficiência.</p>

2. Complexo Cultural de Samambaia

Acessibilidade física	Acessibilidade comunicacional	Experiência acessível	Acesso à informação	Acessibilidade atitudinal
<p>Estacionamento com duas vagas reservadas;</p> <p>Não apresenta barreiras de acesso e conta com rampas</p>	<p>Não há garantia de tradução/ interpretação em Libras e audiodescrição nos espetáculos.</p>	<p>Alguns cursos recebem pessoas com deficiência;</p> <p>Os recursos de acessibilidade dos</p>	<p>Não há nenhum tipo de material impresso ou digital acessível sobre o centro cultural;</p> <p>As redes sociais</p>	<p>Não há comunicadores e mediadores que se comunicam em Libras, realizem audiodescrição, nem visitas com</p>

<p>adequadas;</p> <p>Há quatro lugares reservados para pessoas em cadeira de rodas;</p> <p>Há quatro banheiros acessíveis;</p> <p>Altura da bilheteria é inadequada;</p> <p>Não há sinalização de piso e mapa tátil;</p> <p>Não há cadeiras de rodas disponíveis para visitantes.</p>		<p>espetáculos e apresentações dependem do produtor cultural.</p>	<p>não possuem audiodescrição de imagens e textos, linguagem simplificada, nem vídeos com legendas ou em Libras;</p> <p>Uma página dentro de um site da Secretaria apresenta algumas especificações de acessibilidade.</p> <p>As informações sobre a acessibilidade do museu não estão declaradas nos canais e de comunicação.</p>	<p>metodologias adequadas a pessoas com deficiência intelectual;</p> <p>Há agendamento de visitas inclusivas;</p> <p>Não há colaboradores com deficiência.</p>
---	--	---	--	--

3. Casa do Cantador

Acessibilidade física	Acessibilidade comunicacional	Experiência acessível	Acesso à informação	Acessibilidade atitudinal
<p>Não há estacionamento, nem vagas reservadas;</p> <p>Não apresenta barreiras de acesso;</p> <p>Elevador necessita de manutenção;</p>	<p>Não há acervo com obras em Braille, Libras, formatos digitais acessíveis ou de escrita simples;</p> <p>Não há garantia de tradução/ interpretação em Libras e audiodescrição nos espetáculos</p>	<p>Os recursos de acessibilidade dos espetáculos e apresentações dependem do produtor cultural.</p>	<p>Não há nenhum tipo de material impresso ou digital acessível sobre o centro cultural;</p> <p>As redes sociais não possuem audiodescrição de imagens e textos, linguagem</p>	<p>Não há comunicadores e mediadores que se comunicam em Libras, realizem audiodescrição, nem visitas com metodologias adequadas a pessoas com deficiência intelectual;</p>

<p>Há lugares reservados para pessoas em cadeira de rodas;</p> <p>Há somente um sanitário acessível, mas precisa de adequações;</p> <p>Possui piso tátil em alguns obstáculos;</p> <p>Não há mapa tátil;</p> <p>Não há cadeiras de rodas disponíveis.</p>			<p>simplificada, nem vídeos com legendas ou em Libras;</p> <p>Uma página dentro de um site da Secretaria apresenta algumas especificações de acessibilidade;</p> <p>As informações sobre a acessibilidade do museu não estão explícitas nos canais de comunicação.</p>	<p>Não há colaboradores com deficiência.</p>
---	--	--	--	--

4. MAB – Museu de Arte de Brasília

Acessibilidade física	Acessibilidade comunicacional	Experiência acessível	Acesso à informação	Acessibilidade atitudinal
<p>Estacionamento com duas vagas reservadas;</p> <p>Acesso sem degraus e com rampas de inclinação adequada;</p> <p>Apresenta corrimãos com sinalização de piso tátil e elevadores</p>	<p>Textos e legendas da exposição não estão com fundo, contraste e tamanho adequados;</p> <p>Não há textos e legendas em Braille, em linguagem simplificada, nem caracteres ampliados;</p>	<p>Há recursos visuais;</p> <p>Não há réplicas táteis, nem recursos auditivos, olfativos e de apelo ao paladar.</p>	<p>Não há nenhum tipo de material impresso ou digital acessível sobre o museu;</p> <p>As redes sociais não possuem audiodescrição de imagens e textos, linguagem simplificada, nem vídeos com legendas ou em</p>	<p>Não há comunicadores e mediadores que se comunicam em Libras;</p> <p>Há mediadores que realizam audiodescrição;</p> <p>Há agendamento de visitas inclusivas;</p> <p>Não há</p>

<p>acessíveis;</p> <p>Há três sanitários acessíveis;</p> <p>Assentos são móveis;</p> <p>Sanitários e salas possuem sinalização visual e em Braille, mas precisam de adequações;</p> <p>Altura do balcão é inadequada;</p> <p>Não possui sinalização de piso e mapa tátil;</p> <p>Não há cadeiras de rodas disponíveis.</p>	<p>Não há audiodescrição;</p> <p>Algumas exposições dispõem de audiodescrição que podem ser acessadas por QR Code ou aplicativo.</p>		<p>Libras;</p> <p>Uma página dentro de um site da Secretaria apresenta algumas especificações de acessibilidade;</p> <p>As informações sobre a acessibilidade do museu não estão explícitas nos canais de comunicação.</p>	<p>colaboradores com deficiência.</p>
--	--	--	--	---------------------------------------

5. Concha Acústica

Acessibilidade física	Acessibilidade comunicacional	Experiência acessível	Acesso à informação	Acessibilidade atitudinal
<p>Estacionamento sem vagas reservadas;</p> <p>Entrada não apresenta barreira física, mas rampas de acesso são íngremes;</p> <p>Há um sanitário acessível, mas precisa de reformas;</p>	<p>Não há garantia de tradução/ interpretação em Libras e audiodescrição nos espetáculos.</p>	<p>Os recursos de acessibilidade dos espetáculos e apresentações dependem do produtor cultural.</p>	<p>Não há nenhum tipo de material impresso ou digital acessível sobre a casa de espetáculos;</p> <p>As redes sociais não possuem audiodescrição de imagens e textos, linguagem simplificada, nem vídeos com</p>	<p>Não há garantia de comunicadores e mediadores para atender pessoas com deficiência.</p> <p>Não há colaboradores com deficiência.</p>

Não há lugares reservados para pessoas em cadeira de rodas; Bilheteria inadequada.			legendas ou em Libras; Uma página dentro de um site da Secretaria apresenta algumas especificações de acessibilidade.	
---	--	--	--	--

6. Museu Nacional da República

Acessibilidade física	Acessibilidade comunicacional	Experiência acessível	Acesso à informação	Acessibilidade atitudinal
<p>Estacionamento com duas vagas reservadas;</p> <p>Entrada acessível e rampa com inclinação adequada;</p> <p>Há elevadores acessíveis;</p> <p>Possui piso tátil sinalizando elevadores, rampas e obstáculos;</p> <p>Há duas cadeiras de rodas disponíveis para visitantes;</p> <p>Há três sanitários acessíveis;</p> <p>Não há assentos reservados para</p>	<p>Textos e legendas da exposição não estão com fundo, contraste e tamanho adequados;</p> <p>Não há textos e legendas em Braille, em linguagem simplificada, nem em caracteres ampliados;</p>	<p>Há recursos visuais;</p> <p>Não há réplicas táteis, nem recursos auditivos, olfativos e de apelo ao paladar;</p>	<p>Não há nenhum tipo de material impresso ou digital acessível sobre a casa de espetáculos;</p> <p>As redes sociais não possuem audiodescrição de imagens e textos, linguagem simplificada, nem vídeos com legendas ou em Libras;</p> <p>Site próprio não está de acordo com as normas de acessibilidade e a página dentro da Secretaria apresenta algumas especificações.</p>	<p>Não há comunicadores e mediadores que se comunicam em Libras ou façam audiodescrição;</p> <p>Não soube informar se há agendamento de visitas inclusivas;</p> <p>Não há colaboradores com deficiência.</p>

<p>peças com deficiência;</p> <p>Não possui sinalização de piso e mapa tátil;</p> <p>Balcão de atendimento inadequado;</p>				
--	--	--	--	--

7. Biblioteca Nacional de Brasília

Acessibilidade física	Acessibilidade comunicacional	Experiência acessível	Acesso à informação	Acessibilidade atitudinal
<p>Estacionamento com uma vaga reservadas;</p> <p>Entrada acessível e rampa com inclinação adequada;</p> <p>Há elevadores acessíveis;</p> <p>Possui piso tátil sinalizando elevadores, rampas e obstáculos;</p> <p>Há uma cadeira de rodas disponível para visitantes;</p> <p>Há seis sanitários acessíveis;</p>	<p>Totens com textos estão com fundo, contraste e tamanho adequados;</p> <p>Informações sobre localização dos livros estão com altura adequada;</p> <p>Há acervo de audiolivros;</p> <p>Não há acervo com letras e legendas em Braille, Libras, audiodescrição, caracteres ampliados ou escrita simples;</p> <p>Há exposições com textos e legendas inadequadas;</p>	<p>Há acervos de audiolivros, mas sem outros formatos acessíveis;</p> <p>Não há equipamentos de digitalização de livros impressos para formatos acessíveis;</p> <p>Há recursos visuais;</p> <p>Não há réplicas táteis, nem recursos auditivos, olfativos e de apelo ao paladar;</p>	<p>Não há nenhum tipo de material impresso ou digital acessível sobre a biblioteca;</p> <p>Não há publicações nas redes sociais;</p> <p>Site próprio que está de acordo com as normas de acessibilidade e a página dentro da Secretaria apresenta algumas especificações.</p>	<p>Não há comunicadores e mediadores que se comunicam em Libras ou façam audiodescrição;</p> <p>Há visitas inclusivas com agendamento;</p> <p>Não há colaboradores com deficiência</p>

Há um assento reservado para pessoas com deficiência;				
Balcão de atendimento acessível;				
Não há piso tátil direcional e mapa tátil.				

8. Centro de Dança

Acessibilidade física	Acessibilidade comunicacional	Experiência acessível	Acesso à informação	Acessibilidade atitudinal
<p>Estacionamento sem vagas reservadas;</p> <p>Entrada acessível, corrimões nas escadas e sem elevador;</p> <p>Possui piso tátil sinalizando escadas e obstáculos;</p> <p>Não há cadeira de rodas disponível para visitantes;</p> <p>Há três sanitários acessíveis;</p> <p>Galpão multiusos não</p>	<p>Não há garantia de tradução/ interpretação em Libras e audiodescrição nos espetáculos e aulas.</p>	<p>Os recursos de acessibilidade dos espetáculos dependem do produtor cultural.</p>	<p>Não há nenhum tipo de material impresso ou digital acessível sobre o espaço;</p> <p>Redes sociais desativadas;</p> <p>Página dentro do site da Secretaria apresenta algumas especificações.</p>	<p>Não há comunicadores e mediadores que se comunicam em Libras ou façam audiodescrição;</p> <p>Não há visitas inclusivas;</p> <p>Não há colaboradores com deficiência</p>

tem assentos físicos;				
Balcão de atendimento inadequado;				

9. Espaço Cultural Renato Russo e Radio Cultura

Acessibilidade física	Acessibilidade comunicacional	Experiência acessível	Acesso à informação	Acessibilidade atitudinal
<p>Estacionamento com quatro vagas reservadas;</p> <p>Entrada acessível com rampas com inclinação adequada, escadas e corrimões.</p> <p>Possui piso tátil sinalizando escadas, rampas, elevador e obstáculos;</p> <p>Há uma cadeira de rodas disponível para visitantes;</p> <p>Há oito sanitários acessíveis;</p> <p>Há lugares reservados para pessoas com deficiência e assentos móveis;</p>	<p>Não há nenhum tipo de material em Braille, Libras, em linguagem simplificada, nem em caracteres ampliados;</p>	<p>Os recursos de acessibilidade dos espetáculos dependem do produtor cultural.</p>	<p>Não há nenhum tipo de material impresso ou digital acessível sobre o centro cultural;</p> <p>Não há publicações nas redes sociais;</p> <p>Página dentro do site da Secretaria apresenta algumas especificações.</p>	<p>Não há comunicadores e mediadores que se comunicam em Libras ou façam audiodescrição;</p> <p>Espaço já recebeu grupos de dança inclusivos;</p> <p>Não há colaboradores com deficiência</p>

Balcão de atendimento inadequado				
----------------------------------	--	--	--	--

10. Biblioteca Pública de Brasília

Acessibilidade física	Acessibilidade comunicacional	Experiência acessível	Acesso à informação	Acessibilidade atitudinal
<p>Estacionamento com uma vaga reservada;</p> <p>Edificação térrea com entrada sem barreiras de acesso;</p> <p>Não há cadeira de rodas disponível para visitantes;</p> <p>Não há sanitários acessíveis;</p> <p>Balcão de atendimento inadequado;</p>	<p>Há acervo em audiolivros;</p> <p>Não há acervo com letras e legendas em Braille, Libras, caracteres ampliados ou escrita simples;</p> <p>Não há material informativo sobre serviços e o acervo em formato acessível;</p>	<p>Há acervos digitais de livros acessíveis, mas não em outros formatos acessíveis, como Libras, Escrita Simples e Braille.</p> <p>Não há equipamentos de digitalização de livros impressos para formatos acessíveis;</p>	<p>Não há nenhum tipo de material impresso ou digital acessível sobre a biblioteca;</p> <p>Não há publicações nas redes sociais;</p> <p>Uma página dentro do site da Secretaria apresenta algumas especificações.</p>	<p>Não há comunicadores e mediadores que se comunicam em Libras ou façam audiodescrição;</p> <p>Há agendamento de visitas inclusivas;</p> <p>Não há colaboradores com deficiência</p>

11. Complexo Cultural de Planaltina

Acessibilidade física	Acessibilidade comunicacional	Experiência acessível	Acesso à informação	Acessibilidade atitudinal
Estacionamento com seis vagas reservadas;	Textos e legendas não estão com	Os recursos de acessibilidade dos	Não há nenhum tipo de material impresso ou	Não há comunicadores e mediadores que

<p>Edificação sem barreiras de acesso, com rampas, escadas com corrimãos e elevadores acessíveis;</p> <p>Possui piso tátil sinalizando escadas, portas e obstáculos;</p> <p>Não há cadeira de rodas disponível para visitantes;</p> <p>Há três sanitários acessíveis;</p> <p>Há lugares reservados para pessoas com deficiência e assentos móveis;</p> <p>Não há cadeira de rodas disponível para visitantes;</p> <p>Não há sinalização de piso tátil direcional e mapa tátil suficiente;</p> <p>Balcão de atendimento inadequada;</p>	<p>tamanho e altura adequados;</p> <p>Não há textos e legendas em Braille, Libras, em linguagem simplificada, nem caracteres ampliados;</p> <p>Não há audiodescrição;</p> <p>Não há nenhum tipo de material de comunicação e mediação sobre o espaço em formatos acessíveis;</p> <p>No espaço há maquete tátil e sonora, mas que precisam de adequações.</p>	<p>espetáculos, apresentações e exposições dependem do produtor cultural.</p>	<p>digital acessível sobre os espaços;</p> <p>Redes sociais inadequadas ou com publicações inacessíveis;</p> <p>Uma página dentro do site da Secretaria apresenta algumas especificações.</p>	<p>se comunicam em Libras ou façam audiodescrição;</p> <p>Há agendamento de visitas inclusivas;</p> <p>Não há colaboradores com deficiência</p>
--	--	---	---	---

12. Centro Cultural 3 Poderes e Espaço Oscar Niemeyer

Acessibilidade	Acessibilidade	Experiência	Acesso à	Acessibilidade
----------------	----------------	-------------	----------	----------------

física	comunicacional	acessível	informação	atitudinal
<p>Estacionamento com uma vaga reservada;</p> <p>Edificação com acesso inadequado sem rampas e escadas com corrimões;</p> <p>Não há cadeira de rodas disponível para visitantes;</p> <p>Há sanitários acessíveis (dois em um e dois no outro);</p> <p>Espaço destinado à projeção de vídeo tem assentos fixos e sem espaço para cadeira de rodas;</p> <p>Não há cadeira de rodas disponível para visitantes;</p> <p>Não há sinalização de piso e mapa tátil;</p> <p>Balcão de atendimento inadequada;</p>	<p>Textos da exposição não estão com tamanho, contraste e altura adequados;</p> <p>Não há textos e legendas em Braille, Libras, em linguagem simplificada, nem caracteres ampliados;</p> <p>Não há audiodescrição;</p> <p>No espaço há maquete tátil e sonora, mas que precisam de adequações.</p>	<p>Os recursos de acessibilidade das atividades dependem do produtor cultural.</p>	<p>Não há nenhum tipo de material impresso ou digital acessível sobre os espaços;</p> <p>Não há publicações nas redes sociais;</p> <p>Uma página dentro do site da Secretaria apresenta algumas especificações.</p>	<p>Não há comunicadores e mediadores que se comunicam em Libras ou façam audiodescrição;</p> <p>Há agendamento de visitas inclusivas;</p> <p>Não há colaboradores com deficiência.</p>

13. Cine Brasília

Acessibilidade física	Acessibilidade comunicacional	Experiência acessível	Acesso à informação	Acessibilidade atitudinal
Estacionamento	Apresentações	Há exibição de	Não há nenhum	Não há

<p>com seis vaga reservadas;</p> <p>Edificação térrea com rampas de inclinação adequada;</p> <p>Há um sanitário acessível;</p> <p>Há 16 lugares reservados para pessoas com cadeira de rodas;</p> <p>Não há cadeira de rodas disponível para visitantes;</p> <p>Tem rota de piso tátil, mas não há sinalização de mapa tátil</p> <p>Balcão de atendimento acessível;</p>	<p>não contam com Braille, Libras, caracteres ampliados e audiodescrição.</p>	<p>filmes com audiodescrição e Libras uma vez por mês;</p>	<p>tipo de material impresso ou digital acessível sobre os espaços;</p> <p>Publicações nas redes sociais inadequadas;</p> <p>Uma página dentro do site da Secretaria apresenta algumas especificações.</p>	<p>comunicadores e mediadores que se comunicam em Libras ou façam audiodescrição;</p> <p>Não há colaboradores com deficiência.</p>
--	---	--	--	--

14. Memorial dos Povos Indígenas

Acessibilidade física	Acessibilidade comunicacional	Experiência acessível	Acesso à informação	Acessibilidade atitudinal
<p>Estacionamento com uma vaga reservada;</p> <p>Edificação térrea com rampas e corrimões;</p> <p>Há um sanitário</p>	<p>Textos e legendas da exposição não estão com tamanho, contraste e altura adequados;</p> <p>Não há material</p>	<p>Há recursos visuais;</p> <p>Não há réplicas táteis, nem recursos auditivos, olfativos e de</p>	<p>Não há nenhum tipo de material impresso ou digital acessível sobre os espaços;</p> <p>Redes sociais desativadas ou</p>	<p>Não há comunicadores e mediadores que se comunicam em Libras ou façam audiodescrição;</p> <p>Há visitas</p>

<p>acessível, mas precisa de adequações;</p> <p>Não há lugares reservados para pessoas com cadeira de rodas e os assentos são fixos;</p> <p>Balcão de atendimento inadequado;</p>	<p>em Braille, Libras, em linguagem simplificada, nem caracteres ampliados;</p> <p>Não há audiodescrição;</p>	<p>apelo ao paladar.</p>	<p>com publicações inacessíveis;</p> <p>Uma página dentro do site da Secretaria apresenta algumas especificações.</p>	<p>inclusivas;</p> <p>Não há colaboradores com deficiência.</p>
---	---	--------------------------	---	---

15. Eixo Iberoamericano

Acessibilidade física	Acessibilidade comunicacional	Experiência acessível	Acesso à informação	Acessibilidade atitudinal
<p>Não há estacionamento disponível ao público;</p> <p>Edificação térrea sem barreiras físicas;</p> <p>Há três sanitários acessíveis, mas precisam de adequações;</p> <p>Não há lugares reservados para pessoas com cadeira de rodas e os assentos são fixos;</p> <p>Balcão de atendimento inadequado;</p>	<p>Textos da exposição não estão com tamanho, contraste e altura adequados;</p> <p>Não há textos e legendas em Braille, Libras, em linguagem simplificada, nem caracteres ampliados;</p> <p>Não há audiodescrição;</p>	<p>Os recursos de acessibilidade das atividades dependem do produtor cultural.</p>	<p>Não há nenhum tipo de material impresso ou digital acessível sobre os espaços;</p> <p>Não tem perfil nas redes sociais;</p> <p>Uma página dentro do site da Secretaria apresenta algumas especificações.</p>	<p>Não há comunicadores e mediadores que se comunicam em Libras ou façam audiodescrição;</p> <p>Não há visitas inclusivas;</p> <p>Não há colaboradores com deficiência.</p>

16. Museu Vivo da Memória Candanga

Acessibilidade física	Acessibilidade comunicacional	Experiência acessível	Acesso à informação	Acessibilidade atitudinal
<p>Estacionamento com uma vaga reservada;</p> <p>Edificação térrea com passarelas e rampas inadequadas;</p> <p>Há dois sanitários acessíveis, mas precisam de adequações;</p> <p>Não há cadeira de rodas disponível para visitantes;</p> <p>Não há lugares reservados para pessoas com cadeira de rodas;</p> <p>Não há sinalização de piso tátil e mapa tátil;</p> <p>Balcão de atendimento inadequado;</p>	<p>Boa parte dos textos da exposição estão com tamanho, contraste e altura adequados;</p> <p>Não há material de comunicação e mediação em Braille, Libras, em linguagem simplificada, nem caracteres ampliados;</p> <p>Não há audiodescrição;</p>	<p>Há recursos visuais;</p> <p>Não há réplicas táteis, nem recursos auditivos, olfativos e de apelo ao paladar.</p>	<p>Não há nenhum tipo de material impresso ou digital acessível sobre os espaços;</p> <p>Redes sociais com publicações inacessíveis;</p> <p>Uma página dentro do site da Secretaria apresenta algumas especificações.</p>	<p>Não há comunicadores e mediadores que se comunicam em Libras ou façam audiodescrição;</p> <p>Há agendamento de visitas inclusivas;</p> <p>Não há colaboradores com deficiência.</p>

17. Clube do Choro

Acessibilidade física	Acessibilidade comunicacional	Experiência acessível	Acesso à informação	Acessibilidade atitudinal
-----------------------	-------------------------------	-----------------------	---------------------	---------------------------

<p>Estacionamento sem vagas reservadas;</p> <p>Edificação térrea com passarelas e rampas adequadas;</p> <p>Há mais de dois sanitários acessíveis;</p> <p>Não há cadeira de rodas disponível para visitantes;</p> <p>Há assentos móveis e lugares reservados para pessoas com cadeira de rodas;</p> <p>Não há sinalização de piso tátil e mapa tátil;</p> <p>Balcão de atendimento acessível;</p>	<p>Não há material de comunicação e mediação em Braille, Libras, em linguagem simplificada, nem caracteres ampliados;</p> <p>Não há audiodescrição;</p>	<p>Não há recursos visuais;</p> <p>Não há réplicas táteis, nem recursos auditivos, olfativos e de apelo ao paladar.</p>	<p>Há materiais impresso ou digital sobre a casa de espetáculos em Libras;</p> <p>Redes sociais com publicações inacessíveis;</p>	<p>Não há comunicadores e mediadores que se comunicam em Libras ou façam audiodescrição;</p> <p>Há agendamento de visitas inclusivas;</p> <p>Não há colaboradores com deficiência.</p>
--	---	---	---	--

18. Caixa Cultural Brasília

Acessibilidade física	Acessibilidade comunicacional	Experiência acessível	Acesso à informação	Acessibilidade atitudinal
<p>Estacionamento com duas vagas reservada;</p> <p>Edificação com rampas e elevador acessíveis;</p>	<p>Não há material de comunicação e mediação em Braille, Libras, em linguagem simplificada, nem caracteres ampliados;</p>	<p>Há recursos visuais;</p> <p>Não há réplicas táteis, nem recursos auditivos, olfativos e de</p>	<p>Não há nenhum tipo de material impresso ou digital acessível sobre o centro cultural;</p>	<p>Há comunicadores e mediadores que se comunicam em Libras, mas nenhum que faça audiodescrição;</p> <p>Há agendamento</p>

Há um sanitário acessível;	Não há audiodescrição;	apelo ao paladar.	Redes sociais com publicações acessíveis para cegos;	de visitas inclusivas;
Há cadeiras de rodas disponíveis para visitantes;				Não há colaboradores com deficiência.
Há lugares reservados para pessoas com cadeira de rodas;				
Não há sinalização de piso tátil e mapa tátil;				
Balcão de atendimento e bilheteria acessível;				

19. Centro de Convenções Ulysses Guimarães

Acessibilidade física	Acessibilidade comunicacional	Experiência acessível	Acesso à informação	Acessibilidade atitudinal
Estacionamento com oito vagas reservadas;	Não há material de comunicação e mediação em Braille, Libras, em linguagem simplificada, nem caracteres ampliados;	Não há recursos visuais;	Há material impresso ou digital acessível sobre o centro cultural;	Não há comunicadores e mediadores que se comunicam em Libras ou façam audiodescrição;
Edificação térrea com rampas e elevador acessíveis;	Não há audiodescrição.	Não há réplicas táteis, nem recursos auditivos, olfativos e de apelo ao paladar.	Redes sociais com publicações inacessíveis.	Não há agendamento de visitas inclusivas;
Há sanitários acessíveis;				Não há colaboradores com deficiência.
Não há cadeira de rodas disponível para visitantes;				
Há lugares reservados para				

<p>peessoas com cadeira de rodas;</p> <p>Não há sinalização de piso tátil e mapa tátil;</p> <p>Balcão de atendimento acessível;</p>				
---	--	--	--	--

20. Teatro Mapati

Acessibilidade física	Acessibilidade comunicacional	Experiência acessível	Acesso à informação	Acessibilidade atitudinal
<p>Estacionamento sem vagas reservadas;</p> <p>Edificação térrea com passarelas e rampas adequadas;</p> <p>Há sanitários acessíveis;</p> <p>Não há cadeira de rodas disponível para visitantes;</p> <p>Não há lugares reservados para pessoas com cadeira de rodas;</p> <p>Não há sinalização de piso tátil e mapa tátil;</p> <p>Balcão de atendimento acessível;</p>	<p>Não há material de comunicação e mediação em Braille, Libras, em linguagem simplificada, nem caracteres ampliados;</p> <p>Possui acervo em Braille;</p> <p>Não há audiodescrição;</p>	<p>Há recursos visuais;</p> <p>Não há réplicas táteis, nem recursos auditivos, olfativos e de apelo ao paladar.</p>	<p>Não há nenhum tipo de material impresso ou digital acessível sobre o centro cultural;</p> <p>Redes sociais com publicações inacessíveis;</p>	<p>Não há comunicadores e mediadores que se comunicam em Libras ou façam audiodescrição;</p> <p>Há agendamento de visitas inclusivas;</p> <p>Não há colaboradores com deficiência.</p>

21. SESI Lab

Acessibilidade física	Acessibilidade comunicacional	Experiência acessível	Acesso à informação	Acessibilidade atitudinal
<p>Estacionamento com nove vagas reservadas;</p> <p>Edificação com passarelas, rampas, escadas com corrimãos e elevador acessíveis;</p> <p>Há sanitários acessíveis;</p> <p>Há cadeira de rodas disponível para visitantes;</p> <p>Não há lugares reservados para pessoas com cadeira de rodas;</p> <p>Há sinalização de piso tátil antes de obstáculos;</p> <p>Não há mapa tátil;</p> <p>Balcão de atendimento, bilheteria e café/restaurante acessíveis;</p>	<p>Boa parte dos textos da exposição estão com tamanho, contraste e altura adequados;</p> <p>Há material de comunicação e mediação em Braille, mas não em Libras, em linguagem simplificada, nem caracteres ampliados;</p> <p>Possui acervo em Braille;</p> <p>Há audiodescrição;</p>	<p>Há recursos visuais;</p> <p>Há peças táteis e com recursos auditivos, mas não olfativos e de apelo ao paladar.</p>	<p>Não há nenhum tipo de material impresso ou digital acessível sobre o museu;</p> <p>Redes sociais com publicações inacessíveis;</p>	<p>Há comunicadores e mediadores que se comunicam em Libras ou façam audiodescrição;</p> <p>Há agendamento de visitas inclusivas;</p> <p>Não há colaboradores com deficiência.</p>

22. CCBB Brasília

Acessibilidade física	Acessibilidade comunicacional	Experiência acessível	Acesso à informação	Acessibilidade atitudinal
<p>Estacionamento com seis vagas reservada;</p> <p>Edificação com passarelas, rampas e elevadores acessíveis;</p> <p>Há sanitários acessíveis;</p> <p>Não há cadeira de rodas disponível para visitantes;</p> <p>Há lugares reservados para pessoas com cadeira de rodas;</p> <p>Não há sinalização de piso tátil e mapa tátil;</p> <p>Balcão de atendimento, bilheteria e café/restaurante acessíveis;</p>	<p>Boa parte dos textos da exposição estão com tamanho, contraste e altura adequados;</p> <p>Há material de comunicação e mediação em Braille, Libras, caracteres ampliados, mas não em linguagem simplificada.</p> <p>Há audiodescrição;</p>	<p>Há recursos visuais;</p> <p>Há réplicas táteis, recursos auditivos, olfativos e de apelo ao paladar.</p>	<p>Há material impresso ou digital acessível sobre o centro cultural;</p> <p>Redes sociais com publicações inacessíveis;</p>	<p>Há comunicadores e mediadores que se comunicam em Libras ou façam audiodescrição;</p> <p>Há agendamento de visitas inclusivas;</p> <p>Não há colaboradores com deficiência.</p>

APÊNDICE D - Projeto Gráfico



Propostas de capa apresentadas. Apesar de trabalharem com formas e cores, elas não foram utilizadas no produto final por não conterem todos os elementos para a construção da mensagem que se pretendia passar.

APÊNDICE E - Orçamento

Deslocamento para apuração: R\$100,00

Diagramação e ilustração do produto: R\$ 810,00

Impressão de dois exemplares para a banca: R\$160,00